

RA

REVISTA
ADVENTISTA

Fósseis jovens? *Criação vs. Evolução*

11

TEOLOGIA

A autoridade dos profetas

19

BÍBLIA

Encontrar o Decálogo em lugares inesperados

25

GRAVADO NA PEDRA

O epitáfio póstumo do rei leproso de Judá

PUBLICADORA SERVIR
FEVEREIRO 2025
N. 933 | ANO 86



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo**
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Ligação Visual
Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
26	27	28	29	30	31	1
2	[3]	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
[23]	[24]	25	26	27	28	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

15 FORMAÇÃO SAL

16 ENCONTRO NACIONAL DE TESOUREIROS (ZOOM)

21-23 ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS DA ADRA

24 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 LAR DE REPOUSO NEANDERTAL (NGU)

10-14 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

17-21 ASSOCIAÇÃO DA MUNTÉNIA (ROU)

24-28 ASSOCIAÇÃO DA MOLDÁVIA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[3] SEGUNDA-FEIRA

[24] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[23] DOMINGO

março

D	S	T	Q	Q	S	S
23	24	25	26	27	28	1
2	3	4	5	6	7	8
9	[10]	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31	1	2	3	4	5

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

8 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL E MINISTÉRIOS DA MULHER) (ZOOM)

9 FORMAÇÃO SAL

15 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE

15-22 SEMANA DE ORAÇÃO JA

28-30 FORMAÇÃO DE MULHERES PARA A LIDERANÇA (NÍVEL III)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 ASSOCIAÇÃO DA OLTÉNIA (ROU)

10-14 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCO-ITALIANA (SWU)

17-21 SEMANA DE ORAÇÃO DOS JOVENS (EUD)

24-28 ASSOCIAÇÃO DA ESLOVÁQUIA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[10] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Lembrar para se entregar

05

ATUALIDADE

Porque declaram os fósseis ser jovens?

Um contrassenso no paradigma evolucionista.

11

TEOLOGIA

A autoridade dos profetas

Características dos profetas canônicos e não-canônicos.

19

BÍBLIA

Encontrar o Decálogo em lugares inesperados

Os Dez Mandamentos podem ser encontrados no Novo Testamento?

25

GRAVADO NA PEDRA

O epitáfio póstumo do rei leproso de Judá

A comprovação epigráfica da existência do rei Uzias de Judá.

30

OLHOS NOS OLHOS

Pr. Marcos Bomfim

A experiência de vida de um Pastor consagrado à missão.

36

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Crescendo na excelência da liderança espiritual

Linhas gerais para a promoção da liderança na Igreja nacional.

40

HISTÓRIA ADVENTISTA

Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal (Parte I)

Conheça a história do Adventismo nortenho.

43

EDUCAÇÃO ADVENTISTA

AREASD

A nova Associação educativa da Igreja nacional.

45

PÁGINA DA FAMÍLIA

As necessidades do outro

Uma regra de ouro para promover a felicidade familiar.

48

HERÓIS DA BÍBLIA

Jonas e o chamado impossível de evitar

Descobre quem foi este profeta e qual a sua missão.

50

NOTÍCIAS

Acompanhe as notícias da Igreja em Portugal.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Lembrar para se entregar

“Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas” (Deuterónimo 8:17).

Entrámos recentemente num novo ano, tempo de sonhos renovados, metas traçadas e oportunidades. Contudo, é também um momento de reflexão sobre o que verdadeiramente nos sustenta. Em Deuterónimo 8:17, encontramos um lembrete poderoso: o perigo de atribuir o mérito dos nossos sucessos à nossa própria força. Este verso desafia-nos a rejeitarmos o orgulho que, subtilmente, pode afastar-nos de uma verdadeira dependência de Deus. “O povo podia evitar o orgulho da sua riqueza e força, se se lembrasse constantemente do SENHOR e da lição do deserto: toda a vida é um dom de Deus e nada é possível sem Ele.”¹

No mundo em que vivemos, somos frequentemente incentivados a ser “autossuficientes”, a acreditar que os nossos esforço, talento ou planeamento são suficientes para nos levar onde desejamos. E, de facto, Deus dá-nos dons, talentos e oportunidades. Mas será que, no fim de cada conquista, reconhecemos que tudo provém d’Ele? Ou será que, por vezes, caímos na tentação de pensar que somos os autores exclusivos do nosso sucesso?

Ser mordomo de Deus é mais do que administrar recursos; é um ato de entrega total. É colocar Deus no centro da nossa vida e confiar n’Ele não apenas com os nossos bens

materiais, mas também com os nossos sonhos e decisões e, até mesmo, com as nossas fragilidades. É reconhecer que Ele é a fonte de tudo o que somos e possuímos.

O desafio para cada um de nós é abandonar qualquer orgulho que nos faça esquecer da soberania de Deus. Em vez disso, sejamos homens e mulheres que se entregam de corpo e alma ao Criador, que O buscam em cada decisão, que O colocam acima das metas e dos objetivos pessoais.

Quando reconhecemos Deus como a fonte de todas as coisas, aprendemos a viver com gratidão, humildade e confiança. E, dessa forma, não apenas usufruímos das bênçãos de Deus, mas tornamo-nos verdadeiras testemunhas do Seu poder e do Seu amor. “Tudo quanto afasta de Deus a mente e aparta de Cristo as afeições é um inimigo do espírito.”²

Que, ao longo deste ano, possamos diariamente entregar a nossa vida ao Senhor, sendo verdadeiros mordomos, para que, no fim, toda a glória seja d’Ele.

Está disposto a isto?

1

Jack S. Deere, *Deuteronomy, in The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), p. 278.

2

Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Saugus: Publicadora SerVir, 2018), p. 26.



Daniel Simões
Tesoureiro da UPASD

Os fósseis têm milhões de anos e são a prova científica de uma cronologia de tempo profundo no que respeita à idade da vida na Terra?

**Porque declaram
os fósseis ser jovens?**

Nos dias de hoje, somos constantemente confrontados com uma quantidade infundável de informação produzida e facilmente acessível pela *World Wide Web* – a conhecida “WWW”. Aliás, para quantificar a informação produzida diariamente em todo o mundo, foi necessário, já em 2015, passar a usar um novo termo: o *Zetabite*. Para termos uma perspetiva desta dimensão, apenas um *Zetabite* corresponde a 10^{21} *bites*, isto é, o número 10 seguido de 21 zeros, e tudo isto num só dia.¹ Com tanta informação a ser disseminada, facilmente compreendemos que conceitos geralmente tidos como certos começam a ser tomados como verdades absolutas, ainda que não tenham sido comprovados. Aliás, é frequente o pensamento: “Se tanta gente tem como indiscutível este tema, quem sou eu para questionar... Nem vale a pena perder tempo...” No entanto, por vezes, somos confrontados com achados ou descobrimentos que nos fazem questionar conceitos que até este momento teríamos como verdades absolutas por se tratar de “Ciência”! Na verdade, é comum esquecermo-nos de que “a Ciência não

Seria suposto permanecerem somente as estruturas mineralizadas, como é o caso dos ossos, e decomporem-se totalmente as estruturas não mineralizadas, como os tecidos moles.

fornece a verdade absoluta, mas apenas avalia diferentes modelos e ajuda-nos a vermos qual o modelo que se ajusta às evidências atualmente disponíveis”.²

Uma destas verdades tidas como inquestionáveis, com a qual somos confrontados constantemente por onde quer que andemos, é o conceito de que os fósseis têm milhões de anos e são a prova científica de uma cronologia de tempo profundo no que respeita à idade da vida na Terra. Quer isto dizer que, por todo o lado, é-nos apresentado como um facto que os fósseis de dinossauro são evidências inquestionáveis de que estes animais viveram e foram extintos há muitas dezenas de milhões de anos. Sendo certo que esta cronologia de milhões de anos coloca aos Criacionistas uma dificuldade, nomeadamente pelo facto de, aparentemente, os métodos de datação radiométricos serem bastante fiáveis, a verdade é que a própria Paleontologia trouxe para a atualidade novas evidências que vêm baralhar um pouco os dados. Refiro-me a um artigo da reputada revista *National Geographic* que encontrei recentemente (revista esta que se vem posicionando claramente como defensora do Evolucionismo), em que é apresentada a descoberta de moléculas orgânicas, nomeadamente partes de ADN, em fósseis datados de 75 milhões de anos.³ Ora, sendo estes tecidos orgânicos, frequentemente designados por tecidos moles, rapidamente degradáveis e, por isso, dificilmente compatíveis com uma preservação a muito longo prazo, a sua descoberta coloca uma dificuldade relevante à datação do fóssil até aqui tida como certa pela Ciência convencional.



Um exemplo habitualmente utilizado para exemplificar o efeito destas descobertas na mudança de um paradigma científico é a teoria globalmente aceita pela comunidade científica do século XVIII de que todos os cisnes são brancos. Esta teoria foi tida como verdadeira até ao momento em que foi descoberta uma raça de cisnes-negros. Com esta descoberta, a teoria anteriormente aceita foi refutada e teve de ser abandonada.

Voltando ao artigo da *National Geographic* de 2024, o objeto de estudo são dois ossos cranianos de uma cria de hadrossauro *Hypacrosaurus stebingeri*, um dinossauro herbívoro, nos quais foram detetadas células conservadas no momento da sua divisão, contendo estruturas entrelaçadas semelhantes a cromossomas. Estes ossos cranianos ainda em desenvolvimento, e por esse motivo ainda contendo cartilagem, apresentam “um nível de preservação subcelular que nunca foi documentado num vertebrado”,⁴ segundo a autora principal do estudo, Alida Bailleul.

Agora, por que razão podemos dizer que este é um achado que coloca em causa a datação convencional dos fósseis? Porque já existem vários estudos que permitem aferir qual o tempo esperado para que uma amostra orgânica se decomponha, sendo que eles apontam, segundo as evidências até ao momento recolhidas, para um período na casa dos milhares e não dos milhões de anos. Assim, independentemente de se aceitar a existência passada de uma catástrofe que tenha gerado o rápido sepultamento dos animais que se fossilizaram, a realidade é que seria suposto permanecerem apenas as estruturas mineralizadas, como é o caso dos ossos, e decomporem-se totalmente as estruturas não mineralizadas, como os tecidos moles (por exemplo, uma cartilagem com vestígios de células e de cromossomas).

Ao ler um artigo com este tipo de informação, poderia ser levado a considerar que se tratava de uma ocorrência isolada ou relacionada com uma situação de contaminação da amostra. Se assim fosse, não obstante a autora do

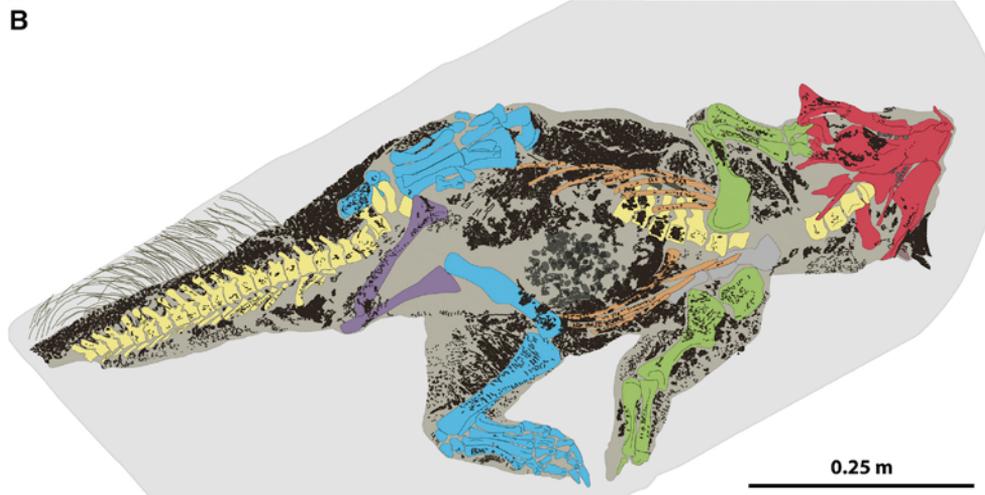
estudo não ir por esse caminho, poderia dizer-se que os vestígios orgânicos proviriam da contaminação do fóssil (por exemplo, por bactérias), não sendo por isso o material orgânico proveniente do animal fossilizado. Contudo, o facto é que este achado não é inédito! Já em 1991, ou seja, há mais de 33 anos, uma paleontóloga de nome Mary Schweitzer – ao seguir um procedimento de análise ao microscópio de finas “fatias” do osso que laminou – descobriu células vermelhas e componentes da hemoglobina (uma proteína) no interior de um fémur de *Tyrannosaurus Rex*, datado de 68 milhões de anos pela idade da rocha

sedimentar em que foi encontrado.⁵ E mesmo que, na comunidade científica, tenha havido algum ceticismo sobre as descobertas de Schweitzer, o certo é que, em 1966, já uma equipa de trabalho liderada por Roman Pawlicki sinalizara ter encontrado vasos sanguíneos e colagénio no interior de ossos de dinossauro.⁶ Podemos assim dizer que estamos aqui a trabalhar sobre evidências que se acumulam já há mais de meio

A. Ornitisquio ceratópsido (*Psittacosaurus sp.*).

B. Desenho interpretativo que mostra diferentes elementos do esqueleto e da pele com padrões de pigmento.

Imagem de Vinther et al. (2016), (CC BY).⁷



século, pelo que a inferência de que estes fósseis têm que ter uma idade muito inferior à convencionalmente atribuída não é, de todo, descabida.

Mais recentemente, entre 2016 e 2017, foram publicados artigos referentes às evidências recolhidas num fóssil de *Psittacosaurus sp.*, do Cretácico Inferior, no qual foram encontrados vestígios de pele conservada com padrões de pigmentação característicos e resíduos de melanina.⁸

Todos estes achados, conjuntamente com o conhecimento da elevada taxa de degradação dos tecidos orgânicos após a morte de um animal ou de um ser humano, obrigam a considerar que a questão da datação dos fósseis encontrados não é um assunto fechado, e que existe cabimento nas evidências para considerar a cronologia bíblica da história da vida na Terra. Aliás, a rápida decomposição dos seres vivos após a sua morte ecoa nas palavras do texto de Génesis 3:19: “No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, *porque quanto és pó e em pó te tornarás.*”⁹

Cumpra ainda referir que estas descobertas mostram a dificuldade em romper com um paradigma científico. De facto, vemos que, em muitas análises feitas às mesmas evidências, continua a haver a tendência para pretender defender que as conclusões e as datações até aqui definidas são verdadeiras e que aquilo que está em falta é descobrir os mecanismos que teriam permitido a preservação dos tecidos por milhões de anos.¹⁰ É com base nesta multiplicidade de interpretações sobre as mesmas evidências que podemos então testificar

Podemos assim dizer que estamos aqui a trabalhar sobre evidências que se acumulam já há mais de meio século, pelo que a inferência de que estes fósseis têm que ter uma idade muito inferior à convencionalmente atribuída não é de todo descabida.

de que efetivamente as conclusões tiradas num estudo científico são completamente dependentes dos pressupostos assumidos no trabalho efetuado. Por outro lado, apenas uma atitude de admissão de que as conclusões ficam limitadas às evidências já recolhidas até ao momento permite dar espaço à mudança de paradigma científico, originada na descoberta de novas evidências incompatíveis com o paradigma vigente.

De tudo isto, conclui-se que, na verdade, as rochas têm começado a falar... Os fósseis encontrados vão deixando evidências concretas quanto à sua idade.

Da mesma forma que Cristo referia, em Mateus 16:2 e 3, que a partir da observação das evidências se podia tirar conclusões (“*Mas ele, respondendo, disse-lhes: Quando é chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está rubro. E pela manhã: Hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio...*”),¹¹ também a observação dos níveis de decomposição dos restos de um ser vivo permite inferir

Estas simples descobertas vieram mostrar que estes dinossauros poderão ter vivido num tempo muito mais recente do que o convencionalmente equacionado pela Ciência.



o tempo decorrido desde a sua morte. Aliás, esta é a base de trabalho, por exemplo, dos investigadores forenses.

Como é verdade a mensagem de Deus dada a Daniel, quando afirmava ao profeta em visão que, no fim dos tempos, “a ciência se multiplicará” (Daniel 12:4)! Não nos podemos deixar intimidar pela visão predominante da Ciência contemporânea. Se realmente somos originários da mão criadora de Deus, a Natureza retém a Sua assinatura, e, mais cedo ou mais tarde, essa assinatura será colocada à vista de todos. É o caso destas simples descobertas, que vieram mostrar que estes

dinossauros poderão ter vivido num tempo muito mais recente do que o convencionalmente equacionado pela Ciência, nomeadamente a Paleontologia, podendo, por isso, não ser incompatíveis com a interpretação literal da história da vida na Terra relatada nos primeiros capítulos de Génesis.

Assim, o desafio é que continuemos a ter na Bíblia uma fonte essencial de conhecimento, pois, afinal, ela é um livro que contém relatos que vão sendo corroborados por uma quantidade cada vez maior de evidências encontradas, inclusivamente, com todo o rigor do trabalho científico!

1 “Big Data”, *Wikipedia*, acesso em 29 de dezembro de 2024. https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_data

2 Leonard Brand, *Creation? Really? A Conversation on Origins*, Pacific Press, 2019, p. 43 (tradução minha).

3 “Vestígios de DNA Fóssil Descobertos em Crânio de Dinossauro”, *National Geographic*, acesso em 29 de dezembro de 2024. https://www.nationalgeographic.pt/historia/vestigios-dna-fossil-descobertos-em-cranio-dinossauro_3619

4 *Ibidem*.

5 “Dinosaur Shocker”, *Smithsonian Magazine*. Acesso em 29 de dezembro de 2024. <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/dinosaur-shocker-115306469/>

6 “Conservación de Tejidos Blandos en Fósiles de Dinosaurio”, *Geoscience Research Institute*. Acesso em 29 de dezembro de 2024. <https://www.grisda.org/espanol/conservaci%C3%B3n-de-tejidos-blandos-en-f%C3%B3siles-de-dinosaurio>

7 *Ibidem*.

8 *Ibidem*.

9 *Bíblia de Estudo Almeida Revista e Corrigida (ARC)*, Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Génesis 3:19.

10 “How Dinosaur Tissues Can Survive Deep Time”, *Phys.org*. Acesso em 29 de dezembro de 2024. <https://phys.org/news/2023-05-dinosaur-tissues-deep.html>

11 *Bíblia de Estudo Almeida Revista e Corrigida*, Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, Mateus 16:2 e 3.

A autoridade dos profetas

A palavra profética tem autoridade porque Deus lhe dá a Sua autoridade.



Gerhard Pfandl
Teólogo

*Retirado da revista Ministry
de fevereiro de 2024.*

“E tornaram a Jerusalém, e, andando ele pelo templo, os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos, se aproximaram dele, e lhe disseram: Com que autoridade fazes tu estas coisas? Ou, quem te deu tal autoridade, para fazer estas coisas? Mas Jesus, respondendo, disse-lhes: Também eu vos perguntarei uma coisa, e respondei-me; e então vos direi com que autoridade faço estas coisas: O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei-me. E eles arrazoavam entre si, dizendo: Se dissermos: Do céu; ele nos dirá: Então porque não o crestes? Se, porém, dissermos: Dos homens, tememos o povo. Porque todos sustentavam que João verdadeiramente era profeta. E, respondendo, disseram a Jesus: Não sabemos. E Jesus lhes replicou: Também eu vos não direi com que autoridade faço estas coisas” (Marcos 11:27-33, *ARC*).

“Com que autoridade fazes tu estas coisas?” Jesus respondeu a esta pergunta, à boa maneira rabínica, com uma contra-pergunta. Nos debates rabínicos, a contra-pergunta destinava-se a indicar o caminho para a resposta à pergunta

**Na vida de cada
Cristão, Deus é a
autoridade suprema.
Nenhum ser humano
pode ocupar esse
lugar, seja ele pai,
professor ou Pastor.**

inicial. Era este o alvo de Jesus. Quando os Seus interlocutores se recusaram a responder, Ele recusou-Se também a oferecer uma resposta clara. Porquê? Se eles se recusavam a reconhecer o poder de Deus no ministério de João, não fazia sentido discutir a Sua autoridade, que também provinha de Deus.¹

A autoridade dos profetas canônicos

Na vida de cada Cristão, Deus é a autoridade suprema. Nenhum ser humano pode ocupar esse lugar, seja ele pai, professor ou Pastor. Em Atos 5:29, Pedro e os outros apóstolos, diante do sumo-sacerdote e de outros líderes judeus, disseram: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens.”

No Antigo Testamento, Deus delegou a Sua autoridade a certas pessoas – os profetas eram os Seus porta-vozes. Quando Deus chamou Moisés para levar Israel para fora do Egito, Moisés tentou evitar assumir essa responsabilidade. Deus disse-lhe: “Não é Aarão, o levita, teu irmão? ... E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus” (Êxodo 4:14-16). Aarão era o porta-voz de Moisés, tal como Moisés era o porta-voz de Deus.

Em Deuteronómio 18:15, Moisés disse aos Israelitas: “O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, dos teus irmãos, como eu; a ele ouvireis.” O primeiro a cumprir esta profecia foi Josué; depois os profetas subsequentes; e, finalmente, Jesus Cristo. E Jesus delegou a Sua autoridade aos Seus discípulos, como nos diz Mateus 28:19: “Portanto, ide, ensinaí todas as nações.”



Em Mateus 18:18, Jesus disse aos Seus discípulos: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.” Assim, Paulo podia dizer aos Tessalonicenses: “Havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é na verdade), como palavra de Deus” (I Tessalonicenses 2:13). A palavra profética tem autoridade porque Deus lhe dá a Sua autoridade.²

Moisés sabia que estava autorizado a falar em favor de Deus; os profetas sabiam que falavam em favor de Deus; Paulo sabia-o, “porque, ainda que eu me glorie mais alguma coisa

do nosso poder, o qual o Senhor nos deu para edificação, e não para vossa destruição, não me envergonharei” (II Coríntios 10:8), e a Igreja Primitiva aceitou os apóstolos como mensageiros de Deus.

A autoridade dos profetas não-canônicos

Depois de David ter cometido adultério com Bateba, o profeta Natã veio junto dele com uma mensagem da parte de Deus, dizendo: “Tu és este homem” (II Samuel 12:7). No tempo de David, a Escritura era a *Torah* (os cinco livros de Moisés), mas nem por um momento David questionou a autoridade de Natã. Ele sabia que Natã era um profeta, e a sua palavra tinha autoridade para David. Natã também escreveu, pelo menos, um livro inspirado: “Os sucessos, pois, do rei David, assim os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas crônicas de Samuel, o vidente, e nas crônicas do profeta Natã, e nas crônicas de Gad, o vidente” (I Crônicas 29:29), mas o livro de Natã não está na Bíblia.

Por que razão Deus não incluiu todos os livros inspirados no Cânone? Sabendo que temos um cérebro enfraquecido, Ele selecionou apenas aqueles livros que sabia serem necessários para que compreendêssemos o Seu Plano de Salvação. Se Ele tivesse incluído todos os livros inspirados, teríamos de levar vários volumes de Escrituras para a Escola Sabatina e para a igreja!

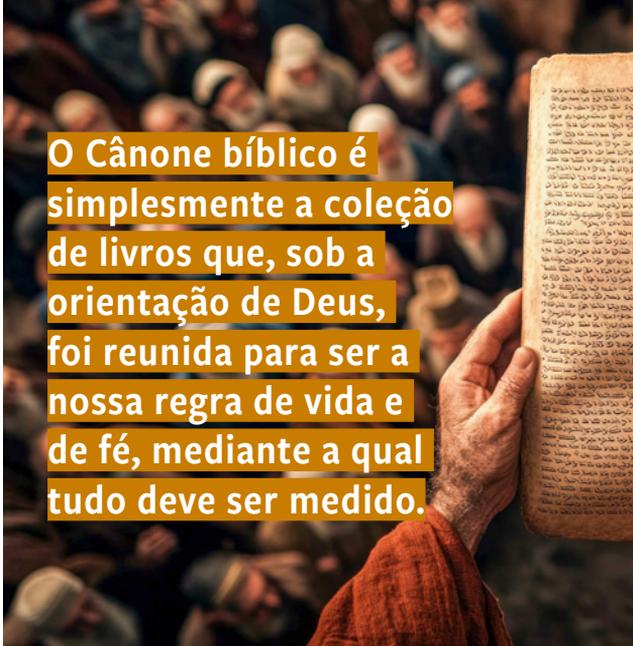
O que profetas como Natã e Gad disseram ou escreveram tinha tanta autoridade e era tão obrigatório para as pessoas da sua época como

eram os livros de Moisés e de Samuel. A autoridade dos livros proféticos radica da sua inspiração, não do lugar que os livros ocupam no Cânone. Mas, desde o tempo de João, autor de Apocalipse, o Cânone, a régua de Deus, está fechado, pelo que nenhum outro livro inspirado pode ser adicionado.

O Cânone bíblico é simplesmente a coleção de livros que, sob a orientação de Deus, foi reunida para ser a nossa regra de vida e de fé, mediante a qual tudo deve ser medido. Ela contém tudo o que uma pessoa precisa de saber para ser salva. Aos Colossenses, Paulo escreveu: “E, quando esta epístola tiver sido lida entre vós, fazei que também o seja na igreja dos Laodicenses, e a que veio da Laodiceia, lede-a vós também” (Colossenses 4:16). Se encontrássemos a carta de Paulo aos Laodicenses ou outras cartas paulinas inspiradas, elas não passariam a fazer parte do Cânone. Elas permaneceriam como cartas inspiradas fora do Cânone.

A autoridade do profeta do tempo do fim

A pergunta que inquieta alguns é: “Que autoridade têm os escritos de Ellen G. White na Igreja, hoje?” A maior parte dos Adventistas do Sétimo Dia concorda em que ela foi uma mensageira inspirada por Deus. Nós não cremos em graus de inspiração. Mas que autoridade têm os seus escritos? Os Adventistas, como todos os Cristãos, creem que o Cânone bíblico foi fechado no tempo de João, o autor de Apocalipse; isto é, tudo o que as pessoas precisam de saber para se sal-



O Cânone bíblico é simplesmente a coleção de livros que, sob a orientação de Deus, foi reunida para ser a nossa regra de vida e de fé, mediante a qual tudo deve ser medido.

var encontra-se no Cânone das Escrituras. A Escritura é a Palavra de Deus para todos os tempos e para todas as pessoas. Agora, depois de o Cânone ter sido fechado, descobrimos que há uma profetisa moderna da parte de Deus que diz: “Deus mostrou-me” isto e aquilo. Como devemos avaliar tais mensagens?

A relação entre a Escritura e Ellen G. White, tal como a compreendo, é a seguinte:

- A. A Bíblia é a mensagem de Deus para todos os tempos e para todas as pessoas. Os escritos de Ellen G. White são a mensagem de Deus para um tempo particular – o tempo do fim – e para um povo particular – a Igreja Remanescente.
- B. Os escritos de Ellen G. White não são um padrão novo ou um padrão adicional de doutrina, mas são, sim, uma ajuda para a Igreja no tempo do fim. Os seus escritos têm um propósito diferente



do propósito das Escrituras; eles são “uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior”.³

Em 1982, o Instituto de Pesquisa Bíblica e o Patrimônio Literário de Ellen G. White emitiram a seguinte declaração sobre a relação entre a Bíblia e os escritos de Ellen G. White:

Afirmações

[Os meus comentários estão entre parêntesis retos.]

1. Acreditamos que a Escritura é a Palavra de Deus divinamente revelada e é inspirada pelo Espírito Santo.
2. Acreditamos que o Cânone da Escritura é composto apenas pelos 66 livros do Antigo e do Novo Testamentos.
3. Acreditamos que a Escritura é o fundamento da fé e a autoridade final em todos os assuntos de doutrina e de prática. [A Escritura é o padrão para todas as doutrinas.]

4. Acreditamos que a Escritura é a Palavra de Deus em linguagem humana.
5. Acreditamos que a Escritura ensina que o dom de profecia se manifestará na Igreja Cristã após os tempos do Novo Testamento. [Apocalipse 19:10; 12:17; Efésios 4:11; I Coríntios 12:28.]
6. Acreditamos que o ministério e os escritos de Ellen G. White foram uma manifestação do dom de profecia.
7. Acreditamos que Ellen G. White foi inspirada pelo Espírito Santo e que os seus escritos, o produto dessa inspiração, são particularmente aplicáveis e possuem autoridade especial para os Adventistas do Sétimo Dia. [Não há graus de inspiração. A autoridade reside na inspiração.]
8. Acreditamos que os propósitos dos escritos de Ellen G. White incluem orientação na compreensão do ensino das Escrituras e aplicação destes ensinamentos com urgência profética à vida espiritual e

Agora, depois de o Cânone ter sido fechado, descobrimos que há uma profetisa moderna da parte de Deus que diz: “Deus mostrou-me” isto e aquilo. Como devemos avaliar tais mensagens?

moral. [Os escritos dela edificam a fé e fortalecem a fé.]

9. Acreditamos que a aceitação do dom profético de Ellen G. White, embora não seja um critério para a manutenção do estatuto de membro na Igreja, é importante para o sustento e para a manutenção da unidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia. [Geralmente, esperamos que uma pessoa que quer tornar-se Adventista do Sétimo Dia aceite Ellen G. White como mensageira de Deus. Mas ninguém pode ser excluído do estatuto de membro, se perde a fé nos escritos de Ellen G. White, tal como não excluímos do estatuto de membro quem deixa de devolver o dízimo.]
10. Acreditamos que o uso que Ellen G. White faz de fontes literárias e de assistentes editoriais encontra paralelo em alguns escritos da Bíblia. [Jeremias e Baruch; Paulo e Tércio; e outros.]

Negações

1. Não acreditamos que a qualidade ou o grau da inspiração nos escritos de Ellen G. White seja diferente dos das Escrituras.
2. Não acreditamos que os escritos de Ellen G. White servem o mesmo propósito da Escritura, sendo esta o único fundamento e a autoridade final da fé cristã. [A Escritura é a Palavra de Deus para todos os tempos. Os escritos de Ellen G. White são as mensagens de Deus para a Igreja Remanescente no tempo do fim.]

3. Não acreditamos que os escritos de Ellen G. White são uma adição ao Cânone da Escritura Sagrada.
4. Não acreditamos que os escritos de Ellen G. White podem ser usados como base de doutrina. [Nos estudos bíblicos, não devemos usar os escritos de Ellen G. White.]
5. Não acreditamos que o estudo dos escritos de Ellen G. White pode ser usado para substituir o estudo da Escritura.
6. Não acreditamos que a Escritura pode ser compreendida apenas através dos escritos de Ellen G. White. [Os seus escritos são primeiramente um comentário homilético inspirado e não tanto um comentário exegetico.]
7. Não acreditamos que os escritos de Ellen G. White exaurem o significado da Escritura.
8. Não acreditamos que os escritos de Ellen G. White são essenciais para a proclamação das verdades da Escritura à Sociedade em ge-



ral. [Eles não são essenciais para a salvação.]

9. Não acreditamos que os escritos de Ellen G. White são o mero produto da piedade cristã da autora.
10. Não acreditamos que o uso que Ellen G. White fez de fontes literárias e de assistentes editoriais negue a inspiração dos seus escritos.

Assim, concluímos que um entendimento correto da inspiração e da autoridade dos escritos de Ellen G. White evitará dois extremos: (1) Con-

Acima de tudo, não devemos esquecer o tema principal de todos os seus escritos. A primeira frase no livro *Patriarcas e Profetas* é “Deus é amor”. A última frase no livro *O Grande Conflito* é “Deus é amor”. O seu principal tema foi sempre Jesus!

siderar estes escritos como funcionando num nível canónico idêntico ao das Escrituras, ou (2) considerá-los como literatura cristã comum.⁴

Porque ler Ellen G. White?

Alguns Adventistas acreditam que a autoridade de Ellen G. White é apenas pastoral, sendo fortalecedora da fé, mas não sendo edificadora da fé. Por outras palavras, eles pensam que as suas declarações teológicas podem ser ignoradas. Esta diferenciação entre profetas pastorais e profetas dogmáticos não é escriturística. A Escritura não faz distinção entre a função pastoral e a função dogmática do profeta.

“Um profeta é o porta-voz de Deus seja qual for o conteúdo da sua mensagem. Qualquer pretensão de que os escritos de Ellen G. White não têm autoridade para ensinar desafia as suas próprias declarações. Como vimos, ela declara univocamente: ‘A minha missão abraça a de um profeta, mas não acaba aí.’ Ela disse a verdade ou não disse. Se não disse, que confiança podemos ter nela, mesmo se ela pensou assim com honestidade, mas erradamente?”⁵

Acima de tudo, não devemos esquecer o tema principal de todos os seus escritos. A primeira frase no livro *Patriarcas e Profetas* é “Deus é amor”. A última frase no livro *O Grande Conflito* é “Deus é amor”. O seu principal tema foi sempre Jesus! Ela indicava constantemente às pessoas a Escritura, e Jesus Cristo. Toda a sua vida foi devotada a fazer de Jesus o centro da nossa fé.

Em 1980, foi feita uma sondagem entre os Adventistas do Sétimo Dia. Entre aqueles que liam regularmen-

Em 1980, foi feita uma sondagem entre os Adventistas do Sétimo Dia. Entre aqueles que liam regularmente os escritos de Ellen G. White, 85 por cento declararam que tinham uma relação pessoal próxima com Cristo. Apenas 59 por cento dos que não a liam regularmente disseram o mesmo.

te os escritos de Ellen G. White, 85 por cento declararam que tinham uma relação pessoal próxima com Cristo. Apenas 59 por cento dos que não a liam regularmente disseram o mesmo. Entre aqueles que regularmente liam os livros dela, 83 por cento também declararam que estudavam a Escritura diariamente. Entre os que não a liam, apenas 47 por cento disseram que liam a Escritura regularmente.⁶

Não creio que muito tenha mudado desde 1980, exceto que uma pesquisa mais recente na Igreja, conduzida pelo Gabinete de Arquivos, Estatísticas e Pesquisas da Conferência Geral,

mostrou que somente 74 por cento dos Adventistas do Sétimo Dia aceitam de todo o coração o dom profético de Ellen G. White. Outros 12 por cento aceitam-no porque a Igreja assim o ensina.⁷ Seja como for, tendo em consideração a minha observação pessoal ao longo dos últimos 50 anos em muitos países, posso dizer que, na maior parte das igrejas, as pessoas com espírito missionário são frequentemente leitoras ávidas dos livros de Ellen G. White. Ora, se ler os livros dela faz as pessoas lerem mais a Escritura e lhes dá um espírito mais missionário, não deveríamos encorajar todos os nossos membros a lerem esses livros?

Conclusão

Os líderes judeus recusaram-se a responder a Jesus porque não estavam dispostos a desistir das suas ideias e das suas opiniões preconcebidas. Eu temo que muitos, hoje, rejeitam os escritos de Ellen G. White por razões semelhantes. Não nos esqueçamos das palavras de Josafat dirigidas a Israel: “Ouvi-me, ó Judá, e vós, moradores de Jerusalém: Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e sereis prosperados” (II Crônicas 20:20).

¹ Gerhard Pfandl, *Manual de Estudo da Escola Sabatina para Adultos*, segunda-feira, 16 de fevereiro, 2009.

² Gerhard Pfandl, “The Authority of Ellen G. White Writings”, Seventh-day Adventist Church Research Institute, 30 de abril de 2004. <https://www.adventistbiblicalresearch.org/materials/the-authority-of-the-ellen-g-white/>

³ Ellen G. White, *O Colportor Evangelista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 125.

⁴ “The Inspiration and Authority of Ellen G. White Writings”, *Ministry*, agosto de 1982, p. 21.

⁵ John J. Robertson, *The White Truth* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1981), p. 60.

⁶ Roger L. Dudley e Des Cummings Jr., “Who Reads Ellen White?”, *Ministry*, 10 de outubro de 1982, p. 10.

⁷ David Trim, *Seventh-day Adventist Global Data Picture*, Report on Global Research, 2011-13 (Silver Spring, MD: Office of Archives and Statistics, 2013), p. 18.



Norman H. Young
Teólogo

*Retirado da revista Ministry
de agosto de 2024.*

Encontrar o Decálogo em lugares inesperados

Paulo sublinha claramente que a Lei, no seu adequado papel, “é santa, e o mandamento santo, justo e bom” e ela é verdadeiramente espiritual.

Paulo sublinha claramente que a Lei, no seu adequado papel, “é santa, e o mandamento santo, justo e bom” (Romanos 7:12; veja também o v. 16)¹ e ela é verdadeiramente espiritual (v. 14). Portanto, o apóstolo define o adequado papel da Lei quando diz que “pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3:20; veja também Romanos 7:7).

No entanto, é claro que a Lei também tem um papel positivo. Afinal, o Novo Testamento (NT) cita o quinto, o sexto, o sétimo, o oitavo, o nono e o décimo mandamentos do Decálogo várias vezes para aconselhar a prática de ações morais. Embora o NT não apresente qualquer citação direta do primeiro, do segundo, do terceiro e do quarto mandamentos, ainda assim sustenta-os claramente, como veremos em seguida, ao examinarmos os lugares inesperados onde cada um desses mandamentos ocorre.

Primeiro mandamento

“Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3; Deuteronomio 5:7).

Quando foi tentado por Satanás a adorá-lo, Jesus respondeu com um texto: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele servirás” (Mateus 4:10; Lucas 4:8; citando Deuteronomio 6:13, *LXX*). Embora não seja uma citação direta do Decálogo, este texto exige a mesma adoração exclusiva de *Yahweh*. Paulo declara que “ainda que haja, também, alguns que se chamem deuses, quer no céu, quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores); todavia, para nós, há um só Deus, o Pai” (I Coríntios 8:5 e 6). De facto, há “um só Deus e Pai de todos, e por todos, e em todos” (Efésios 4:6).

É crítico notar como Jesus e Paulo associam o Decálogo com Levítico 19:18 – “Amarás o teu próximo, como a ti mesmo” – em lugares como Mateus 19:18 e 19; Romanos 13:9; Gálatas 5:14.² A maior parte das passagens dos Evangelhos também cita Deuteronomio 6:5 – “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder” – sustentando assim, mais uma vez, que deve haver uma devoção exclusiva a Deus. O que une Deuteronomio 6:5 e Levítico 19:18 aos olhos de Jesus e de Paulo é o amor – amor por Deus e amor pelos nossos semelhantes. Esta associação do amor com a exigência do primeiro mandamento que impõe uma devoção exclusiva ao Deus único dá-lhe uma aplicação universal, pois o Deus único é o Deus de todos (Romanos 3:29 e 30).

Segundo mandamento

“Não farás para ti imagem de escultura” (Êxodo 20:4; Deuteronomio 5:8).

A hostilidade do NT para com os ídolos é tão feroz como a do Antigo Testamento (AT); no entanto, o NT nunca apela para as palavras deste mandamento. Entretanto, Paulo insta os Coríntios a excluírem das suas refeições comuns qualquer indivíduo que “for devasso, ou avarento, ou *idólatra*, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador” (I Coríntios 5:11b; ênfase acrescentada). Tais “injustos não hão de herdar o reino de Deus” (I Coríntios 6:9; veja também Efésios 5:5). Incluir “um *idólatra*” nestas listas³ indica que o apóstolo não considerava a idolatria uma infração menor. De facto, na mente de Paulo, a idolatria era sinónimo de

cobiça, o que une o segundo mandamento com o décimo mandamento.⁴

Deus anunciou que as comunidades cristãs eram o Seu templo vivo e, como tal, era dito aos Cristãos: “Saí do meio deles [ídolos], e apartai-vos [dos ídolos]”, pois “que concórdia há entre Cristo e Belial? ... E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?” (II Coríntios 6:15-17). Por outras palavras, “fugi da idolatria” (I Coríntios 10:14) e “guardai-vos dos ídolos” (I João 5:21). A Professora Paula Fredriksen declara: “O pecado pagão fundamental era a idolatria. A partir daí, seguia-se tudo o resto.”⁵ A geração do Êxodo deu o exemplo para os seguidores de Cristo (I Coríntios 10:6, 11). Tal como os conversos de Paulo, também eles foram batizados (no mar, v. 2), comeram o alimento espiritual (maná, v. 3) e beberam a bebida espiritual (água da rocha, v. 4); no entanto, eles dançaram, festejaram e cometeram imoralidade sexual ao redor de um bezerro de ouro (vv. 7b-9). O pobre exemplo dado por aquela geração

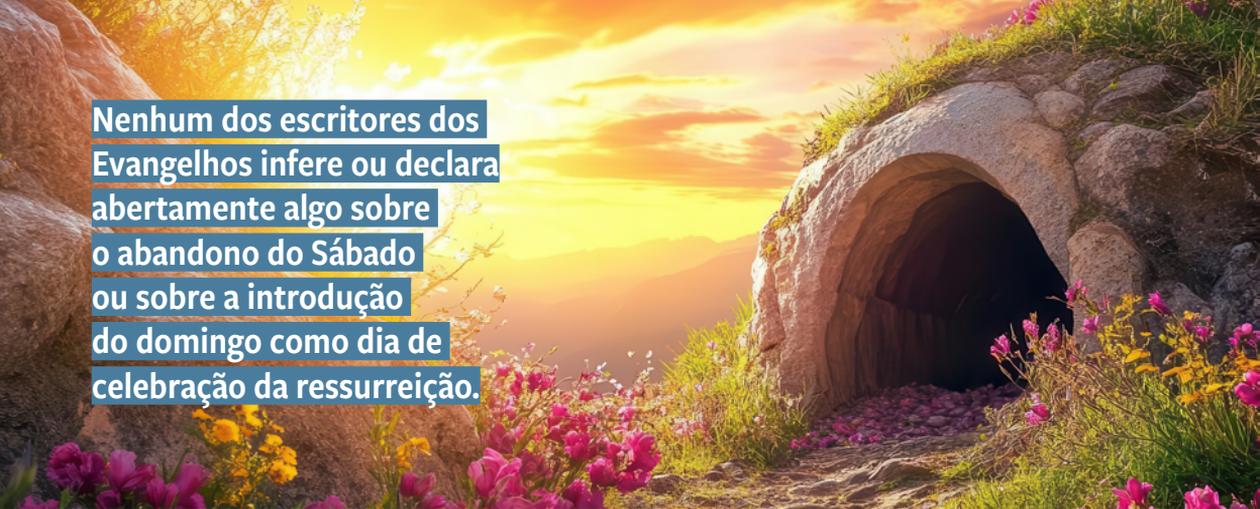
leva Paulo a admoestar: “Não vos façais, pois, ídólatras como alguns deles” (v. 7a).

Terceiro mandamento

“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Êxodo 20:7; Deuterónimo 5:11).

Quando o povo de Listra tentou oferecer dádivas e sacrifícios a Barnabé e a Paulo como se eles fossem deuses, os dois protestaram: “Nós, também, somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que *vos converteis dessas vaidades, ao Deus vivo*” (Atos 14:15; ênfase acrescentada). Note os paralelos na seguinte passagem: “Como *dos ídolos* vos *convertestes* a Deus, para servir o *Deus vivo* e verdadeiro” (I Tessalonicenses 1:9; ênfase acrescentada). Assim, a expressão “dos ídolos” está em paralelo com a expressão “dessas vaidades”. Significativamente, a palavra grega traduzida como “vaidades”, em Atos, é a mesma usada na *Septuaginta* por ocasião do terceiro mandamento: “em vão” – isto é, tratando o único Deus como uma deida-





Nenhum dos escritores dos Evangelhos infere ou declara abertamente algo sobre o abandono do Sábado ou sobre a introdução do domingo como dia de celebração da ressurreição.

de pagã ao invocar-se o Seu nome num contexto mágico ou ao repetir-se incessantemente o Seu nome para se alcançar vantagens (Mateus 6:7 e 8).

Jesus não repete a fórmula negativa do Decálogo (“não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”), mas ensina positivamente os Seus discípulos a orarem de forma oposta: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome” (Mateus 6:9b). Da mesma forma, a mãe de Jesus declara que o nome do Onnipotente é santo (Lucas 1:49).

Quarto mandamento

“Lembra-te do dia de Sábado para o santificares” (Êxodo 20:8; Deuteronómio 5:12).

Tal como acontece com os primeiros três mandamentos, o NT nunca cita expressamente o quarto mandamento, mas menciona o Sábado 71 vezes, sem qualquer comentário negativo. Os Judeus referiam-se aos dias da semana situando-os em relação ao Sábado: o primeiro dia após o Sábado, o segundo dia após o Sábado, e assim por diante. Apesar de terem sido escritos várias décadas após a morte de Jesus, os quatro Evangelhos datam o evento da ressurreição de Jesus à maneira judaica – por

exemplo: “E muito cedo no primeiro dia após o sábado [*tê mia tòn sabbatôn*], tendo nascido o sol, elas foram ao túmulo” (Marcos 16:2; tradução do autor; veja também Mateus 28:1; Lucas 24:1; João 20:1, 19). Nenhum dos escritores dos Evangelhos infere ou declara abertamente algo sobre o abandono do Sábado ou sobre a introdução do domingo como dia de celebração da ressurreição.

Note que, embora o NT não cite os primeiros quatro mandamentos, ele defende-os de modo inquestionável!

Quinto mandamento

“Honra o teu pai e a tua mãe” (Êxodo 20:12; Deuteronómio 5:16).

Em vez de repetir a promessa unida ao quinto mandamento – “para que se prolonguem os teus dias na terra” –, Jesus acrescenta: “Quem maldisser o pai ou a mãe, morra de morte” (Mateus 15:4, citando Êxodo 21:17). Ele fê-lo para avisar alguns dos Seus contemporâneos contra o uso de regras casuísticas para desculpar a sua infração do quinto mandamento (Mateus 15:5 e 6; Marcos 7:10-12). Jesus defendeu claramente este mandamento (Marcos 10:19), tal como fez Paulo (Colossenses 3:20), que

o citou quase textualmente a partir da *Septuaginta*, em Efésios 6:2. No entanto, seguir a vontade de Jesus deve ter precedência sobre seguir a vontade de um parente (Mateus 10:37).⁶

Sexto mandamento

“*Não matarás*” (Êxodo 20:13; Deuterónimo 5:17).

Jesus exigiu mais do que aquilo que este mandamento proíbe; Ele defendia que se deviam resolver as tensões antes que elas aumentassem e levassem ao homicídio. De facto, Ele considerava que fazer um esforço para alcançar a reconciliação com um irmão ou com uma irmã que tivesse algo contra nós era mais importante do que realizar um ato de culto (Mateus 5:23 e 24). Jesus imaginava este princípio como resolvendo disputas fora do tribunal e, assim, impedindo que elas se descontrolassem (vv. 25 e 26). É claro que o homicídio não tem qualquer lugar aceitável na moralidade cristã (I Pedro 4:15).

Sétimo mandamento

“*Não adulterarás*” (Êxodo 20:14; Deuterónimo 5:18).

Para Jesus, infringir este mandamento começa com um persistente olhar luxurioso, e a Sua crítica sobre o modo como o divórcio estava a ser usado e abusado torna claro o Seu apoio a este mandamento (Mateus 5:31 e 32). Se um marido se sentisse atraído por outra mulher, ele tinha apenas de se divorciar da sua esposa com uma carta de divórcio. Dado que Moisés permitia tal ação, o marido, na opinião dos Fariseus, mantinha o seu estatuto de homem justo (v. 20). Esta casuística atraiu novamen-

te a ira de Jesus. Embora a carta de divórcio procurasse proteger da penúria a esposa rejeitada, permitindo-lhe voltar a casar, era também uma forma de libertar um marido libidinoso do seu casamento. Dado que a mulher não tinha voz ativa no assunto, o ato do marido era adúltero ao nível da intenção (“faz com que ela cometa adultério”, v. 32); Jesus não se deixava enganar pelo esforço do marido para resolver o assunto burocraticamente com recurso a uma carta de divórcio.

Podemos encontrar claramente o sétimo mandamento defendido no NT (Mateus 5:27 e 28; 15:19, Romanos 13:9; I Coríntios 6:9; Hebreus 13:4; Tiago 2:11; II Pedro 2:14).

Oitavo mandamento

“*Não furtarás*” (Êxodo 20:15; Deuterónimo 5:19).

Sem dúvida que vários dos conversos pagãos de Paulo tinham sido ladrões antes da sua conversão, mas, agora, “aquele que furtava, não fure mais” (Efésios 4:28). Mais do que isso, eles devem empenhar-se num emprego remunerado “para que tenha[m] o que repartir com o que tiver necessidade” (v. 28). Se um Cristão sofre, deve ser pela sua fé e não como “ladrão ou malfetor” (I Pedro 4:15). Paulo exclui os ladrões do Reino dos Céus, o que indica que este mandamento deveria ser levado muito a sério (I Coríntios 6:10).

Nono mandamento

“*Não dirás falso testemunho contra o teu próximo*” (Êxodo 20:16; Deuterónimo 5:20).

Mesmo décadas depois da Sua morte, os seguidores de Jesus lembra-

vam-se de que Ele tinha defendido este mandamento (Mateus 15:19; 19:18; Marcos 10:19; Lucas 18:20). Paulo não só admoesta os antigos pagãos a dizerem “a verdade em amor” (Efésios 4:15), mas também transpõe a forma negativa do mandamento no Decálogo para uma forma positiva: “Falai a verdade, cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros” (v. 25). Além do mais, ele admoesta os seus conversos vindos do paganismo: “Não mintais uns aos outros, pois já vos despistes do velho homem com os seus defeitos, e vos vestistes do novo” (Colossenses 3:9 e 10).

Décimo mandamento

“Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo” (Êxodo 20:17; Deuteronomio 5:21).

A repetição do termo “próximo” lembra-nos, mais uma vez, do quão central era para Jesus e para os apóstolos o mandamento para se amar o próximo como a nós mesmos. O décimo mandamento foi aquele que Paulo achou ser mais perturbador: “Porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (Romanos 7:7). Paulo inclui “Não cobiçarás” numa lista casual de quatro dos últimos seis mandamentos que ele cita como sendo cumpridos ao se amar o próximo (Romanos 13:8 e 9). Jesus também dá uma lista de más ações, mas cita a décima delas como a “avareza” (Marcos 7:21 e 22). De facto, são bastante comuns no NT listas de tipos de malfetores ou de más ações que refletem a infração dos últimos seis mandamen-

tos do Decálogo: Mateus 15:19; 19:18; Marcos 7:21 e 22; 10:19; Lucas 18:20; Tiago 2:11; Apocalipse 21:8; 22:15.

Observações

Este estudo sugere várias observações. Primeira, o NT não limita a transgressão apenas às infrações do Decálogo, mas frequentemente expressa-a através de amplas categorias morais. “Porque, do interior do coração dos homens, saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfémia, a soberba, a loucura” (Marcos 7:21 e 22). Segunda, o NT frequentemente transpõe a forma negativa do Decálogo (Não...) para uma forma positiva. Terceira, a centralidade do amor como virtude central na Ética do Evangelho não pode ser por de mais enfatizada (Romanos 13:8; I Coríntios 13:13; Colossenses 3:14; I Pedro 4:8).

1

A versão bíblica usada neste artigo é a tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

2

Veja também Mateus 22:34-39; Marcos 12:29-31; Lucas 10:27. Isto é, trata os outros como se estivessem no lugar deles.

3

Veja também Gálatas 5:20; I Pedro 4:3; Apocalipse 21:8; 22:15.

4

Veja Walter Brueggemann, *Sabbath as Resistance: Saying No to the Culture of Now* (Louisville, KY: Westminster John Knox), pp. 9-19, 86-89.

5

Paula Fredriksen, *Paul: The Pagans' Apostle* (New Haven, CT: Yale University Press, 2017), p. 125.

6

“A família de sangue já não está no topo da hierarquia no contexto do Evangelho. A aceitação de Jesus e o amor por Ele devem estar em primeiro lugar. É claro que a Escritura ensina a importância dos laços familiares; mas não à custa de se deixar de seguir Jesus.” Jon L. Dybdahl, ed., *Andrews Study Bible Notes* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2010), p. 1263, nota sobre Mateus 10:34-42.



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

O epitáfio
póstumo do rei
leproso de Judá

Em 1931, Eleazar Sukenik, Professor de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, encontrou uma placa funerária inscrita em aramaico entre os artefactos arqueológicos que examinava no acervo museológico do Mosteiro ortodoxo russo da Ascensão, situado no Monte das Oliveiras, em Jerusalém.

A procedência original da epígrafe era desconhecida, tendo sido, provavelmente, encontrada nos finais do século XIX, mas não existia qualquer registo do contexto do achado, dado que essas informações se perderam com o desaparecimento do catálogo do museu durante a I Guerra Mundial (Albright, 1931: 8). A epígrafe encontra-se atualmente guardada no Museu de Israel, em Jerusalém.

A hipótese mais plausível aponta para a descoberta da inscrição funerária no próprio Monte das Oliveiras, durante as obras de construção do referido Mosteiro, no final do século XIX, já que era do conhecimento geral a existência de uma antiga necrópole nesse lugar, mencionada em fontes documentais da época medieval (Tchekhanovets e Vach, 2024: 156).

A placa, executada em calcário liso, apresenta dimensões de 30X34cm e encontra-se em bom estado de conservação, exibindo apenas algumas pequenas mazelas. A inscrição é composta por quatro linhas de texto perfeitamente legíveis, gravadas com letras cuidadosamente executadas, delimitadas por uma elegante moldura, de inspiração greco-romana (Albright, 1931: 8; Tchekhanovets e Vach, 2024: 155).

A epígrafe foi redigida em alfabeto aramaico, com caracteres típicos

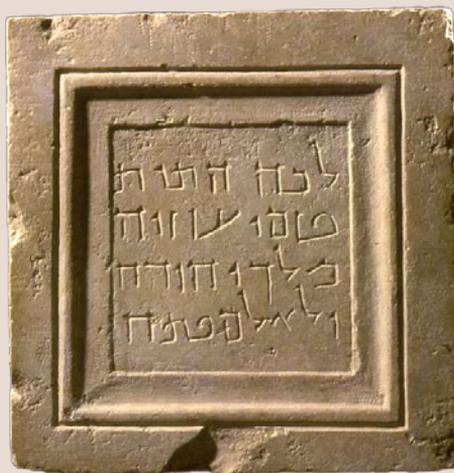


Fig. 1 - A epígrafe funerária do rei Uzias (©The Israel Museum, Jerusalém).

do final do período herodiano, não só pelo estilo cursivo, mas também pelos remates triangulares das letras, e o texto não sofre qualquer tipo de contestação: *“Para este lugar foram trazidos os ossos de Uzias, o rei de Judá. Não abra!”*

Este monarca reinou na transição do século VIII para o século VII a.C.. Contudo, a inscrição em análise é atribuída, pelos paleógrafos, a um período 750 anos posterior à sua morte, algures entre o período hasmoneu e o início do domínio romano (isto é, entre o ano 150 a.C. e o ano 50 d.C.) (Avigad, 1972).

Isto significa que este epitáfio não fazia parte do sepulcro original do rei Uzias, mas estaria no local para onde os seus restos mortais foram trasladados, numa fase posterior, após terem sido removidos do primitivo túmulo.

O enterro judaico no período do Segundo Templo decorria, precisamente, em duas fases. Primeiro, os defuntos eram sepultados em cavidades subterrâneas, escavadas na rocha. Após cerca de um ano, altura em que o corpo já se teria decomposto, a famí-

lia reunia os ossos (Regev, 2004: 114) e colocava-os dentro de uma pequena caixa, feita de pedra ou madeira, denominada “ossário”, que era depositada em nichos laterais da respectiva caverna tumular. Este manuseamento dos restos ósseos era evitado ao máximo, pois o contacto com os cadáveres conferia um elevado grau de impureza ritual (Reich, 1991: 22).

De acordo com as normas judaicas, os enterros eram proibidos dentro das povoações e os cemitérios tinham de ser construídos, pelo menos, a 25m de distância dos limites habitados. À medida que a área urbana se expandia, tornava-se imperativo proceder à transferência dos restos mortais para sepulturas em locais mais distantes. Este epitáfio constitui um exemplo paradigmático da observância desta norma social e religiosa judaica (*Idem*: 22).

Trata-se de um enterro secundário e a placa epigrafada foi afixada na abertura do nicho, onde foram acondi-

cionadas as ossadas do antigo monarca de Judá, fora dos novos limites urbanos, provavelmente após a expansão urbana de Jerusalém, que ocorreu no reinado de Herodes, o Grande, o que está de acordo com o próprio estilo da epígrafe funerária (Tchekhanovets e Vach, 2024: 156). Infelizmente, o seu ossário não foi encontrado.

A elite da sociedade judaica era geralmente enterrada em tumbas elaboradas, refletindo o seu *status* social e cultural. As sepulturas mais luxuosas deste período, que se conhecem, são câmaras subterrâneas complexas, escavadas na rocha, até 10 metros de profundidade. Algumas tinham entradas monumentais, muitas vezes com colunas e elementos arquitetónicos. No interior, continham nichos ou prateleiras, onde os cadáveres eram colocados (Hachlili, 2005: 29).

As tumbas podiam estar decoradas com relevos esculpidos e com pinturas, representando cenas da vida quotidiana e símbolos religiosos. Além disso, podiam conter inscrições identificando, de forma breve, o nome do defunto, sendo raramente adicionado o apelido, a parentela ou a profissão (Reich, 1991: 22).

O profeta Isaías, que foi contemporâneo do rei Uzias, descreveu os túmulos do seu tempo: “*Cavando num lugar alto a sua sepultura e cinzelando na rocha uma morada para ti mesmo*” (Isa. 22:16), criticando, assim, o fausto dos túmulos dos reis e da nobreza corrupta de então.

Ainda se preservam alguns exemplares destes sepulcros talhados na rocha, do período dos reis, nas falésias do Vale de Kidron, a sul de Jerusalém,

Fig. 2 – Túmulo aberto na rocha de Benei Hezir, no Vale de Kidron, Jerusalém (©Wikipedia Creative Commons License).



ou na conhecida necrópole dos Túmulos dos Reis, a norte da Cidade Velha.

Era também costume enterrar objetos de valor com o falecido. Em resultado disso, desde cedo, surgiram muitos ladrões de túmulos no Próximo Oriente. Para evitar tais incursões, foram desenvolvidas complicadas técnicas de selagem da abertura do túmulo, com pedras enormes a cobrir a entrada e com difíceis passagens de acesso ao interior do espaço sepulcral.

Por isso, é muito curiosa a advertência contra a violação da tumba que encontramos neste epitáfio do rei Uzias. Porém, não é caso único, conhecendo-se outro exemplar epigráfico funerário, em Jerusalém, que avisa os salteadores contra a profanação do sepulcro: *“Maldito seja aquele que abrir este túmulo”* (Shanks, 1994: 41).

Tudo o que sabemos sobre o rei Uzias de Judá está na Bíblia e nos relatos de Flávio Josefo, que descrevem alguns dos seus feitos e algumas das suas conquistas. Ele era filho do rei Amazias, e foi o 10º rei de Judá, reinando entre 829 e 778 a.C.. Ficou famoso pelos seus projetos de construção, reformando as defesas de Jerusalém e reorganizando o exército, proporcionando grande prosperidade económica e militar ao reino de Judá (Luckenbill, 1925).

Mas Uzias fica marcado pela tentativa frustrada de usurpar um atributo exclusivo do sacerdócio, ao entrar no templo disposto a queimar incenso no altar. O segundo livro de Crónicas (26:16-18) e as *Antiguidades Judaicas* de Flávio Josefo (L. IX:10,4) narram que o sumo-sacerdote de então, de nome Azarias, com um grupo de 80



Fig. 3 – A coleção arqueológica do mosteiro russo onde se encontrava a placa funerária (à direita) (©GMIR. Coleção fotográfica de *Russian Imperial Palestine Orthodox Society*, inv. n.º П-6157).

sacerdotes, confrontou esta tentativa de apropriação indevida das prerrogativas sagradas, chamando a atenção para este predicado exclusivo dos descendentes de Aarão. O relato indica que o rei foi subitamente atingido por sintomas visíveis de lepra, tendo sido imediatamente expulso do templo (II Crónicas 26:19).

Flávio Josefo acrescenta ainda que, nessa hora, sentiu-se um abalo de terra na cidade de Jerusalém, facto também confirmado nas Escrituras Sagradas, em dois livros posteriores: no primeiro verso do livro de Amós e no capítulo 14 de Zacarias, sendo que este último compara a devastação

causada pela aproximação do fim dos dias com o terramoto que abalou Judá, durante o reinado de Uzias.

Dado que Zacarias viveu algum tempo depois, o abalo deve ter sido suficientemente forte para deixar uma impressão duradoura entre a comunidade judaica. De facto, os arqueólogos que trabalham em Jerusalém têm encontrado evidências, em vários locais, deste poderoso terramoto do século VIII a.C., que mostram que foi “provavelmente um dos terramotos mais fortes e prejudiciais dos tempos antigos” (Austin, Franz e Frost, 2000: 657).

O rei Uzias ficou leproso até à sua morte, vivendo o resto da vida num aposento isolado, não podendo aceder ao palácio, nem ao templo, enquanto Jotão, o seu filho, ficou responsável pela governação de Judá, sucedendo-lhe como rei, após a sua morte.

Curiosamente, não é muito frequente nos relatos bíblicos a descrição do sepultamento dos reis, mas II Crónicas 26:23 parece indicar que ele foi enterrado num local especial, devido à sua doença: “Uzias descansou (...) no campo funerário dos reis, porque, segundo eles, era um leproso.” Flávio

Josefo refere igualmente que ele “foi sepultado sozinho no seu jardim”.

Destas referências, subentende-se que, durante os séculos VIII a VI a.C., havia câmaras sepulcrais para reis e nobres, em Jerusalém, mas Uzias terá sido enterrado num terreno à parte, propriedade da coroa de Judá, isolado dos outros túmulos reais.

Uma inumação desta natureza, semiescondida, não seria assinalada por grande monumentalidade e nem apresentaria epitáfio, motivo pelo qual alguns estudiosos postulam que os ossos trasladados durante o período de Herodes não corresponderiam propriamente aos de Uzias, mas seriam provenientes de uma sepultura que, por tradição, tinha sido identificada como sendo a sua.

Apesar desta notável placa funerária fornecer imensa informação arqueológica, fica a dúvida sobre o facto de as ossadas referidas na inscrição serem realmente de Uzias ou se estaremos perante um fenómeno, recorrente em Israel, de atribuição errónea de um túmulo a uma figura histórica do passado, especialmente quando o local exato do sepultamento se desconhece ou se perdeu com o decorrer do tempo.

Bibliografia

ALBRIGHT W. F. (1931) – “The Discovery of an Aramaic Inscription Relating to King Uzziah”. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*. 44. Chicago, pp. 8-10.

AUSTIN, Steven A.; FRANZ, Gordon W.; FROST, Eric G. (2000) – “Amos’s earthquake: An extraordinary Middle East seismic event of 750 BC”. *International Geology Review*. 42(7), pp. 657-671.

AVIGAD, Nahman (1972) – “The Inscribed Ossuary of Uzziah, King of Judah”. *Israel Exploration Journal*. 22(3-4), pp. 137-152.

HACHLILI, Rachel (2005) – “Jewish funerary customs, practices and rites in the Second Temple period”. *Supplements to the Journal for the Study of Judaism*. 94. Leiden.

JOSEFO, Flávio (1997) – “Antigüedades Judías”. *Libros I-XI*. Edición de José Vara Donado. Akal Clásica.

LUCKENBILL, Daniel David (1925) – “Azariah of Judah”. *American Journal of The Semitic Languages and Literatures*. 41:4, pp. 217-232.

REGEV, Eyal (2004) – “Family burial, family structure, and the urbanization of Herodian

Jerusalem”. *Palestine Exploration Quarterly*. 136(2): pp. 109-131.

REICH, Ronny (1991) – “Jewish burial customs in the first century”. *Caiaphas family tomb. Special Double Issue. Jerusalem perspective*. 4 (4-5), p. 22.

SHANKS, Hershel (1994) – “The Tombs of Silwan”. *Biblical Archaeology Review*. 20:3, pp. 38-51.

TCHERKHOVETS, Yana; VACH, Kirill (2024) – “On the provenance of the Jerusalem inscription of king Uzziah”. *Eretz Israel*. 35, pp. 155-161.



Pr. Marcos Bomfim

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Hoje temos o privilégio de entrevistar o Pastor Marcos Fayoc Bomfim, uma das principais figuras na Liderança da Igreja Adventista do Sétimo dia a nível mundial. O Pastor Marcos Bomfim nasceu há 62 anos em Itacoara, no Rio Grande do Sul. Iniciou o seu ministério pastoral em 1986, como Pastor em São Paulo, no Brasil, e desde então tem dedicado várias décadas ao serviço da Igreja. Nos últimos anos, o Pastor Marcos assumiu a responsabilidade mundial pela área da Mordomia Cristã, cargo que ocupa, desde 2015, na sede mundial

da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos Estados Unidos da América. Antes disso, trabalhou, durante 16 anos, nos Departamentos de Mordomia Cristã e Ministérios da Família, em vários níveis institucionais na Divisão Sul-Americana. O Pastor Marcos Bomfim é ainda especialista em terapia familiar. Ao longo do seu ministério tem influenciado vidas, não só pelo seu trabalho pastoral e administrativo, mas também através da comunicação, apresentando o programa Lar e Família, transmitido pela TV Novo Tempo no Brasil.

ED: Pastor Marcos Bomfim, muito obrigado por se ter juntado a nós nesta conversa. O Pastor é filho de um Pastor Adventista e de uma professora.

MB: Sim, a minha mãe era uma educadora. Ela teve sempre uma ligação com a Igreja Adventista, procurando um estilo de vida que lhe pudesse trazer benefícios efetivos. Na verdade, foi uma bênção eu ter nascido numa casa com um pai e uma mãe que eram Cristãos devotos. Na minha casa fazia-se o culto familiar todas as manhãs e todas as noites. Mas isso não garante a nossa salvação. Eu afastei-me de Deus durante a minha adolescência. Mas, o meu pai não me concedeu o privilégio de eu me afastar da Igreja. E, por isso, estou aqui hoje! O meu pai disse-me: “Meu filho, terás liberdade quando saíres de casa.” E eu não podia sair de casa porque não tinha emprego e não podia sustentar-me. Dentro da Igreja encontrei Deus e, depois disso, acabei por encontrar os escritos de Ellen G. White, que considero inspirados por Deus e que me beneficiaram tanto, em vários aspetos, inclusive na saúde.

ED: Eu vou querer saber como foi esse processo de transformar a sua vida através da saúde, depois da leitura dos escritos de Ellen G. White. Mas, antes disso, disse-me que é filho de Pastor. É difícil ser filho de Pastor?

MB: Eu tenho a impressão de que um dos grandes fardos que alguns filhos de Pastor têm é um fardo que os pais colocam sobre eles. Eu nunca ouvi o meu pai dizer: “Deves portar-te bem porque és filho de Pastor.” O meu pai dizia: “Deves portar-te bem porque és um filho de Deus.” Para o meu pai, os filhos

têm de portar-se bem porque a Palavra de Deus assim o diz. Assim, quando um Pastor diz aos filhos: “Têm de se portar bem porque são filhos de Pastor”, na verdade o pai não está preocupado com a salvação do filho; está preocupado com a sua reputação. E quando os filhos percebem isso, interpretam essa atitude como uma inconsistência da vida espiritual dos pais. Percebem que os pais não estão preocupados com a salvação, mas com a reputação. Isso provoca danos!

ED: Ou seja, a pressão não vem de fora, não vem das outras pessoas, mas vem realmente de dentro...

MB: Sim, a pressão vem para todos. Mas eu acho que aquilo que determina essa situação é a postura dos pais. O meu pai nunca agiu dentro de casa como Pastor. Em casa, ele era pai. Não era Pastor. Eu já vi esposas de Pastor chamarem “Pastor” ao marido. Isso é um absurdo. Dentro de casa, pai é pai, mãe é mãe. Tu não és Pastor dentro de casa; tu és pai.

ED: Mas nunca se preocupou, por exemplo, com o estar a pregar no púlpito e saber que está a dizer algo sobre o qual as suas filhas vão dizer: “Ah, mas o meu pai não é assim!” ou sobre o qual a sua esposa vai dizer: “O meu marido não é assim!”?

MB: Esse é um outro problema. É a falta de integridade. Por exemplo, o meu pai era Pastor. Ele tinha muitos defeitos. Eu poderia citar vários defeitos do meu pai. Mas não posso dizer que o meu pai tinha falta de integridade. Ele era o que era. Nós conhecemos os defeitos do meu pai. Mas sabemos que

ele quer ir para o Céu. Ele tem defeitos. Mas eu também tenho. Mas ele quer ir para o Céu. Disso nós temos a certeza. E ele quer que nós também vamos para o Céu. O meu pai fez tudo para encontrar os seus filhos um dia no Céu. Eu não sei se ele podia ter feito mais do que fez. Eu acho que os filhos não estão a procurar a perfeição nos pais. Estão a procurar integridade. E isto aplica-se também fora do âmbito pastoral; isto é, a qualquer família. Eu vou dar um exemplo. Na minha casa, algumas vezes, nós atrasamo-nos no que, para nós, Adventistas, é algo importante: o horário de iniciar o Sábado, ao pôr-do-Sol. Quando alguém se atrasa no horário de começar o Sábado, tem duas opções. Pode fingir que nada aconteceu, isto é, fazer o culto de início do Sábado quando é possível. Mas também tem a segunda opção. A segunda opção é reunir a família e dizer: “Filhos, perdoem o pai e a mãe. Nós errámos. Nós perdemos-nos na organização deste dia de preparação, mas isso não é correto. Vamos fazer o culto agora, atrasados, mas, primeiro, vamos pedir perdão a Deus. Vamos, na próxima semana, procurar fazer o que é correto.” Se eu fico em silêncio, os meus filhos não vão dizer nada. Mas eles estão a observar-me. Sabem o que está a acontecer. Por outro lado, se eu errei, mas reconheço o meu erro diante dos meus filhos, eu cresço aos olhos deles. Eles pensam: “O meu pai e a minha mãe estão seriamente a querer fazer a vontade de Deus.” Eles não me vão desprezar porque eu errei. Não é sinal de fragilidade. Eles vão ter uma indicação do rumo em que nós queremos ir. Como casa, como família. Por isso, eu



acho que a falta de integridade dos pais é que transmite uma mensagem muito nociva aos filhos. Nós erramos, fingimos que é normal, fazemos de conta que é mesmo assim e os filhos recebem essa mensagem.

ED: Mas, apesar de o Pastor Marcos Bomfim ter tido um pai coerente na forma como educava e na forma como pregava, isso não impediu que o filho dele se desviasse, não é?

MB: Não há uma fórmula mágica. A Bíblia diz que nós temos uma inclinação natural para o mal. E o meu pai sabia da minha. Os pais têm um sexto sentido. O meu pai sabia das minhas atitudes, das minhas tendências, dos meus desvios, e ele procurou não tentar corrigir aquilo que é impossível ser corrigido. Um pai e uma mãe não podem torcer o coração de um filho a fim de levá-lo para Deus. É impossível fazer a obra do Espírito Santo. O que os pais podem fazer? Eles podem orar pelos fi-



lhos, e a oração de um justo pode muito! Mas o pai e a mãe precisam de ser justos, precisam de ser como os pais de Jesus. Como Job. Eu tenho estes como modelos de pai. Pais íntegros, pais justos. É claro que os pais precisam de adotar ações concretas que levem os filhos para o lado de Deus.

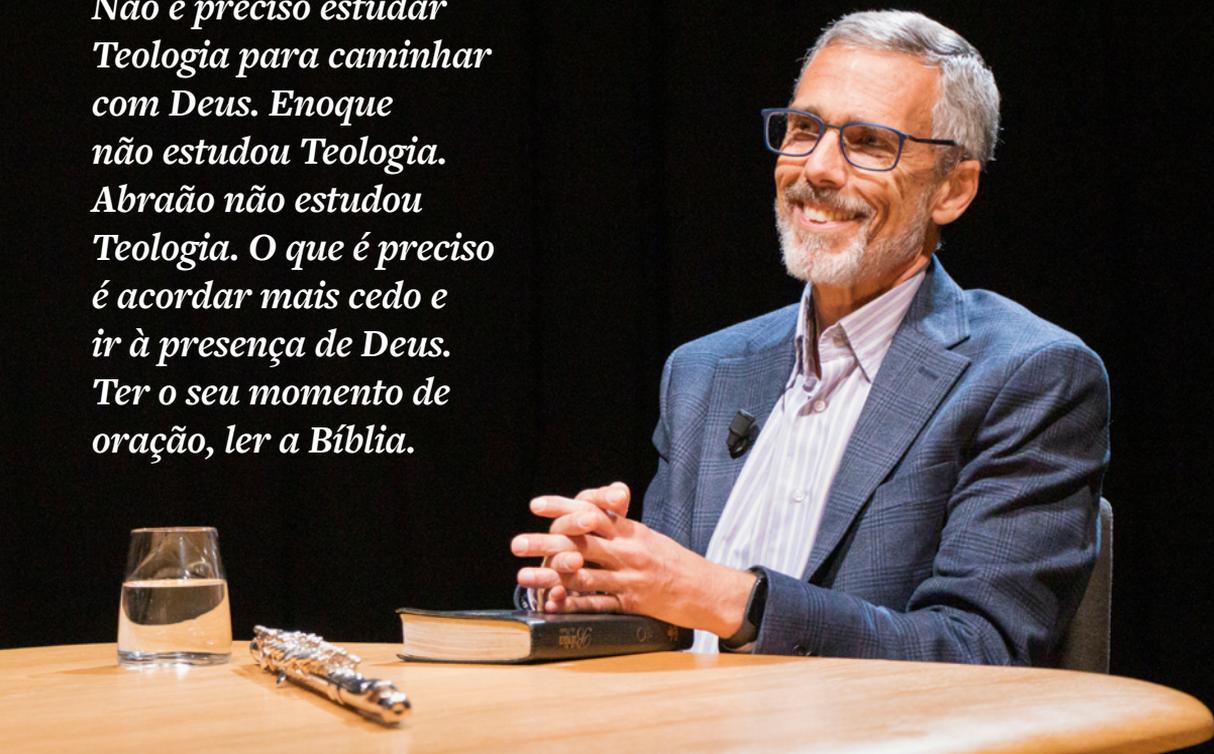
ED: E, no caso do seu pai, essas ações concretas passavam muito por fazer ali uma espécie de braço de ferro: tens que ir à igreja, tens que estar no grupo familiar...

MB: Não era assim tão de ferro. De onde tirou ele essa exigência? De um livro que eu quero recomendar a quem está a ler esta entrevista. Eu não creio que, nos tempos que estamos a viver hoje, seja possível levar os filhos para o Céu sem se ler este livro. Este livro é crucial. Trata-se da obra *Orientação da Criança*, de Ellen G. White. É uma orientação pedagógica para os pais. Este foi um dos livros de cabecei-

ra do meu pai. E foi também um livro muito importante para mim e para a minha mulher na educação dos nossos filhos. O meu pai foi o primeiro a ser batizado e a conhecer o Cristianismo na família dele. Então tudo o que ele adquiriu, adquiriu destes escritos. E ele leu, devorou, sublinhou este livro. Neste livro, por exemplo, faz-se uma sugestão para que os pais tornem como regra do lar a frequência da igreja pela família. O meu pai levou isso à letra. Ele disse-me: “Meu filho, não és obrigado a ficar aqui em casa. Esta casa não é uma prisão. Nós não queremos que sintas que estás a perder a liberdade. És livre, se quiseres viver por tua conta. O problema é que nós dedicámos esta casa a Deus. Quem vive aqui tem de respeitar os princípios de Deus, como a guarda do Sábado, o culto familiar de manhã e à noite.” Depois, o meu pai disse-me: “Filho, não posso obrigar-te a amar Deus. Isso é impossível. E nem vou tentar. Mas, um dia, no Juízo, Deus vai perguntar-me o que eu fiz com aquele meu filho. Eu quero poder dizer a Deus o que fiz. Por isso, tenho de levar-te à igreja enquanto estiveres aqui em casa.

Um pai e uma mãe não podem torcer o coração de um filho a fim de levá-lo para Deus. É impossível fazer a obra do Espírito Santo. O que os pais podem fazer? Eles podem orar pelos filhos, e a oração de um justo pode muito!

Não é preciso estudar Teologia para caminhar com Deus. Enoque não estudou Teologia. Abraão não estudou Teologia. O que é preciso é acordar mais cedo e ir à presença de Deus. Ter o seu momento de oração, ler a Bíblia.



Eu prometo que, quando saíres de casa e tiveres o teu sustento próprio, eu não toco mais em temas religiosos. Podes adotar o caminho que quiseres e eu não vou interferir.”

ED: E depois, com que idade é que se dá a mudança?

MB: Foi por volta dos 16 ou 17 anos.

ED: E foi aí também que começou a adotar um estilo de vida diferente?

MB: Não. Um dia, o meu pai trouxe para casa o livro *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, de Ellen G. White. E ele disse à minha mãe: “Vamos começar a ler este livro nos cultos.” Mas não era uma leitura cansativa, porque ele lia um ou dois parágrafos, não mais do que

isso. Levou anos para terminar a leitura do livro! E durante a leitura desse livro, a família foi vagarosamente moldando-se às coisas que estavam escritas nele. O meu pai e a minha mãe vêm de uma região do Brasil onde a comida é abundante, mas não é uma comida saudável. Faz-se uso de proteína animal de manhã, ao meio-dia e à noite. Eles poderiam ter-se escondido atrás da Cultura. Mas isto influenciou também os filhos. Isto remete para a alimentação que a mãe nos dava. Então, saíres da tua cultura alimentar e adotares uma nova é algo muito difícil. O meu pai e a minha mãe trilharam esse caminho por nós. Mas eu não estava convencido. Então, um dia, já no meio desse processo, o meu pai levou-nos a um seminário sobre princípios de saúde com um Pastor num fim de semana. Ele insistiu

em que toda a família fosse. Eu pensei: “Que coisa aborrecida ficar um fim de semana a ouvir sobre saúde.” Mas, no primeiro dia, na sexta-feira à noite, tudo fez sentido para mim. Eu percebi que aquilo seria a solução não só para a minha vida física, mas também para a minha vida espiritual.

ED: Então, foi depois de ter ganhado essa batalha do aspeto físico que resolve dedicar-se inteiramente ao estudo da Bíblia através de uma formação profissional como a Teologia?

MB: Eu comecei a voltar para Deus e ainda me lembro do dia em que fui à igreja por vontade própria. Pela primeira vez. Quando eu comecei a ler a Bíblia por mim mesmo. Mas eu nunca quis ser Pastor. Nunca; isso nunca passou pela minha cabeça. Por ter estado tão distante dos caminhos de Deus, decidi estudar Teologia para ver se obtinha mais conhecimento a respeito de Deus. Não queria exercer o ministério. No final do curso de Teologia entendi que este não ajuda necessariamente na caminhada cristã. Não é preciso estudar Teologia para caminhar com Deus. Enoque não estudou Teologia. Abraão não estudou Teologia. O que é preciso é acordar mais cedo e ir à presença de Deus. Ter o seu momento de oração, ler a Bíblia. Hoje temos a lição da Escola Sabatina, temos tanta literatura apropriada. São esses hábitos que me levam à presença de Deus. Mas, no fim do curso, eu entendi que precisava de um trabalho que me mantivesse junto da Bíblia todo o dia. Porque a minha vontade era muito fraca e a minha resistência

à tentação era muito débil. Fui à Associação e pedi que me dessem um trabalho em que eu usasse a Bíblia. Porque eu já estava a trabalhar para a Associação, como professor de música em algumas escolas Adventistas. “Nós queremos que continue na área educacional.” “Mas eu quero trabalhar com a Bíblia.” Eu imaginava que iam dar-me o trabalho de Obreiro Bíblico. Para minha surpresa, depois de umas três semanas, chamaram-me para ser Pastor num Distrito Pastoral. Eu fiquei estarecido. Não estava preparado para isso. E foi assim que começou a minha caminhada até aos dias de hoje.

ED: Pastor Marcos Bomfim, qual é a maior lição que aprendeu ao longo destes 40 anos de ministério?

MB: Acho que a coisa mais importante que aprendi é que sou pecador. Que todos somos pecadores. E o ministério não me retira essa tendência para gostar do que não é bom. Porém, depois disto, vem uma segunda convicção: que Jesus morreu por mim, para ter o direito de perdoar os meus pecados quando eles são confessados. Então, isso tem-me alegrado, porque hoje eu já não tenho medo de reconhecer as minhas debilidades diante de Deus e, mesmo, diante das pessoas. Um Pastor não é mais santo porque é Pastor. Infelizmente, o ministério não tem o poder de santificar alguém. Esta foi a maior lição que me deu o ministério!

ED: Muito obrigado por esta entrevista. Que Deus continue a abençoar o seu ministério!

MB: Foi um prazer. Obrigado!



Crescendo na excelência da liderança espiritual

O Ministério Pastoral

O ministério pastoral é uma vocação que se dedica ao cuidado espiritual, ao ensino e à orientação de uma comunidade de fé. Este ministério é caracterizado por um compromisso profundo com a pregação do Evangelho, a edificação da Igreja e o serviço ao próximo. O papel do Pastor vai além do púlpito. Ele age como um líder espiritual, acompanhando os membros da igreja nas suas jornadas pessoais de fé, oferecendo aconselhamento, conforto e orientação para uma vida cristã plena. Além disso, o Pastor é um formador, responsável por transmitir os ensinamentos bíblicos de forma clara e relevante, adaptando-os ao contexto atual, mas mantendo-se sempre fiel à mensagem central das Escrituras.

Outro aspecto essencial do ministério pastoral é a intercessão. O Pastor ora pela sua comunidade, intercedendo em favor dos seus membros e buscando sabedoria e discernimento para guiar a igreja conforme a vontade de Deus. Ele também promove a unidade dentro da congregação, trabalhando para resolver

Paulo Neves e Cláudia Neves
Associação Ministerial e Associação das Famílias dos Ministros do Culto da UPASD

conflitos e fortalecendo os laços entre os membros da comunidade.

O ministério pastoral é, portanto, uma missão de serviço, sacrifício e amor (Marcos 10:44 e 45). Este ministério requer dedicação, humildade e uma profunda conexão com Deus, pois é através dessa comunhão que o Pastor encontra forças para desempenhar a sua função e ser um instrumento de bênção na vida das pessoas e na construção do Reino de Deus.

Além do propósito de promover a excelência do ministério pastoral, a Associação Ministerial da UPASD tem outros importantes desafios a que procura responder, e que são parte integrante da sua área de intervenção estratégica junto das lideranças e das igrejas. Uma vez que eles são imensos, iremos enumerar somente dois desses desafios e fazer uma breve explicação sobre cada um deles.

A. Captar Novas Vocações para o Ministério Pastoral

Captar novas vocações para o ministério pastoral é uma tarefa crucial para garantir a continuidade e o fortalecimento da Igreja. Isto exige uma abordagem intencional e cuidadosa, que envolve oração, inspiração e oportunidades para os potenciais líderes descobrirem e desenvolverem os seus dons. A Igreja precisa de criar um ambiente propício para que os seus membros

possam sentir o chamado divino. Com oração, acompanhamento, oportunidades de desenvolvimento e exemplos de líderes dedicados, mais pessoas podem sentir-se encorajadas a seguir o ministério pastoral, garantindo a saúde espiritual da Igreja.

Aqui estão algumas estratégias eficazes para atrair novas vocações para o ministério:

1. Oração e Discernimento

- *Orar intencionalmente:* É fundamental que a igreja e os seus líderes orem regularmente pedindo a Deus que suscite novas vocações. A oração coletiva pode ser um poderoso catalisador para despertar o chamado no coração das pessoas.
- *Discernimento espiritual:* Os líderes comprometidos devem estar atentos aos dons e às capacidades que se destacam entre os membros da igreja, observando sinais de que Deus pode estar a chamar certas pessoas para o ministério pastoral.

2. Fomentar uma Cultura Vocacional

- *Testemunhos e exemplos inspiradores:* Ouvir a história de vida de Pastores ou de Missionários pode ser muito inspirador. Criar momentos em cultos ou eventos em que líderes partilhem os seus testemunhos pode tocar o coração dos presentes, mostrando o impacto e a beleza do ministério.
- *Promover a vocação como uma oportunidade divina:* Enfatizar a honra e a responsabilidade de servir Deus através do ministério pastoral, destacando o papel transformador que os líderes espirituais podem ter na

vida das pessoas e junto das comunidades.

3. Oferecer Acompanhamento e Mentoria

- *Identificar potenciais vocacionados:* Observar membros ativos e comprometidos, especialmente jovens e adultos que já demonstram liderança ou um profundo desejo de servir.
- *Acompanhamento pessoal:* Uma vez identificados os potenciais vocacionados, oferecer acompanhamento espiritual e mentoria direta, permitindo que esses indivíduos façam perguntas, reflitam sobre o chamado e desenvolvam uma visão mais clara do papel do ministério pastoral.
- *Mentoria contínua:* Pastores e líderes experientes podem acompanhar potenciais vocacionados, oferecendo suporte prático e conselhos ao longo do caminho.

4. Criar Oportunidades de Serviço e Formação

- *Delegar responsabilidades ministeriais:* Dar aos jovens e aos adultos oportunidades de liderar pequenos grupos, participar em programas de missão, liderar atividades eclesíásticas ou pregar ocasionalmente. Isto dar-lhes-á uma visão prática do que é o ministério.
- *Oferecer programas de formação e treino:* Criar cursos ou encontros regulares para capacitar e treinar aqueles que têm interesse no ministério, ajudando-os a desenvolverem habilidades e conhecimento bíblico e teológico.

5. Ambiente de Suporte Comunitário e Eventos Vocacionais

- *Envolver a comunidade:* Incentivar a comunidade a apoiar aqueles que sentem o chamado, seja por meio de encorajamento, de oração ou de suporte financeiro para a frequência de cursos e seminários.
- *Criar retiros, conferências e encontros vocacionais:* Retiros ou encontros voltados para o discernimento da vocação pastoral podem proporcionar um ambiente focado e propício para que os interessados sintam o chamado de Deus e façam uma reflexão profunda, além de proporcionar a conexão com outros vocacionados.

6. Modelar o Chamado no Ministério Atual

- *Ser um exemplo de alegria e dedicação:* Pastores que servem com entusiasmo, amor e dedicação genuína podem inspirar outros a seguir o mesmo caminho. Mostrar o impacto positivo e transformador que o ministério pastoral pode ter na vida será uma poderosa ferramenta de atração.
- *Autenticidade e transparência:* Falar abertamente sobre as alegrias e os desafios do ministério pastoral ajuda a criar uma visão realista, mas cativante, do que significa servir Deus de forma plena.

B. Formação de Líderes: Pastores e Membros Leigos

Capacitação Pastoral

As novas vocações para o ministério pastoral têm sido influenciadas por diversas

mudanças culturais, sociais e religiosas. Num contexto de secularização crescente, alguns desafios e oportunidades surgem para aqueles que são chamados ao ministério pastoral. Alguns fatores relacionados com as novas vocações são:

1. *Desafios da Sociedade moderna:* A Sociedade atual vive um período de mudanças rápidas, com um crescimento do secularismo e do individualismo. Isto pode fazer com que menos pessoas se sintam inclinadas a dedicar-se a um ministério voltado para a fé, num ambiente que nem sempre valoriza a espiritualidade. No entanto, muitos jovens que respondem ao chamado pastoral fazem-no justamente como uma resposta à crise de valores e de sentido na Sociedade.
2. *Diversificação de ministérios:* Atualmente, os ministérios pastorais estão a diversificar-se. Além do trabalho nas igrejas, há uma procura crescente por Pastores que atuem em campos como capelanias (em hospitais, prisões, lares), trabalhos sociais, aconselhamento espiritual e ministério dos *Media*.
3. *Ministério digital:* O ambiente digital tem aberto novas possibilidades para o ministério pastoral, com várias vocações a serem direcionadas para o evangelismo *online* e acompanhamento de fiéis através das redes sociais, *podcasts*, vídeos e *blogs*. Especialmente após a Pandemia da COVID-19, o papel da internet como uma ferramenta de evangelização tornou-se evidente e indispensável.
4. *Acompanhamento espiritual em contextos urbanos:* As áreas urbanas,

muitas vezes marcadas por grandes desigualdades sociais e por problemas como violência, solidão e marginalização, têm-se tornado campos férteis para novos Pastores, especialmente aqueles com uma vocação para o trabalho social e comunitário.

5. *Formação pastoral:* A formação teológica e pastoral também se tem adaptado para preparar Pastores para essas novas necessidades. Há uma ênfase maior em disciplinas como liderança, comunicação digital, escuta ativa, psicologia pastoral, questões de justiça social e aconselhamento pastoral em tempos de crise (como saúde mental e luto).
6. *Inclusão e diversidade:* Há também uma nova atenção para a inclusão de grupos que historicamente têm sido sub-representados no ministério pastoral, como mulheres, minorias raciais e outras Culturas. Deve haver um esforço pela inclusão social e espiritual.

Formação de Líderes Leigos

A formação de líderes leigos é um processo fundamental para fortalecer comunidades, capacitar para o serviço, e tornar a igreja mais dinâmica e preparada. Ela envolve capacitar indivíduos para que possam exercer uma liderança ativa nas suas comunidades, tomando decisões e promovendo o bem-estar coletivo. Esse desenvolvimento de liderança pode ser realizado por meio de diversas abordagens, incluindo:

1. Educação e Capacitação

- *Workshops e treino:* Oferecer formações em várias matérias espirituais e eclesiais.

- *Capacitação técnica:* Formação em áreas específicas, como gestão de projetos, finanças, sustentabilidade ou outras, dependendo dos dons dos membros.

2. Mentoria e Acompanhamento

- *Mentoria de líderes experientes:* Os líderes locais aprendem com aqueles que já têm experiência, partilhando lições, desafios e estratégias.

3. Envolvimento Comunitário e Responsabilidade Moral

- *Participação ativa na comunidade:* Incentivar a liderança participativa, onde os líderes trabalham de perto com a comunidade, a fim de identificarem necessidades e criarem soluções de resolução.
- *Valores e princípios:* Enfatizar a importância de uma liderança ética, transparente e de uma visão moral e espiritual, promovendo a integridade e a responsabilidade social.

Impacto da Formação de Líderes Locais

Os resultados da capacitação intencional dos líderes locais são múltiplos: comunidades mais organizadas, com maior capacidade de enfrentar desafios, de promover o desenvolvimento sustentável e de ajudar os seus membros a crescerem na fé. Esses líderes tornam-se agentes de mudança.

Que estas e outras facetas da liderança espiritual possam encorajar e motivar Pastores e membros leigos a praticarem uma incessante busca pela promoção da excelência do serviço na Causa do Mestre!



Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal

(Parte I)

Inserido no tema das Comemorações dos 120 anos da história do Adventismo em Portugal, vamos procurar rever as origens deste Movimento na Região Norte. Iremos fazê-lo através de cinco artigos.

Tendo em conta as circunstâncias favoráveis das origens do Adventismo na Região de Lisboa, no meu entender bem estudadas, especialmente pelo saudoso Pr. Ernesto Ferreira no seu trabalho *Arautos de Boas Novas – 1904/2004 – Centenário da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal*, não podemos deixar de constatar que as circunstâncias menos favoráveis da origem do Adventismo no Norte fizeram com que o estudo da Região Norte esteja um pouco disperso. Tendo em atenção as novas descobertas e informações, vamos tentar organizar, dentro do possível, a história das origens do nosso Movimento na Região Norte.

De acordo com as fontes escritas e orais que consultámos, podemos afirmar com clareza que a génese destas origens está relacionada com três lugares muito importantes. O primeiro, já no último quartel do século XIX, é a povoação de Vila Meã, Concelho de Marco de Canaveses à época, agora Concelho de Penafiel. O segundo, no início do século XX, é Vila Nova de Gaia. O último, também no início do século XX, é a cidade do Porto. Mas, antes de avançarmos no tema, é importante termos uma breve noção de vários assuntos conexos.

Em primeiro lugar, é importante termos uma noção do contexto religioso vivido em Portugal no final do século XIX e início do século XX, considerando a expressão do movimento protestante à época. Em segundo lugar, importa conhecer, ainda que de um modo muito geral, o contexto político, económico, social e cultural nacional desta época. Em terceiro lugar, deve-se perceber a razão que animava o Movimento Protestante em Portugal no século XIX.

Para começar, vamos às definições. No *Dicionário da Porto Editora*, 8ª Edição, lemos a seguinte definição de “Protestantismo”: “Conjunto das confissões e instituições cristãs, dissidentes do Catolicismo, e nascidas da Reforma religiosa, movimento separatista do século XVI.” A *Enciclopédia Universal HERDER* declara: “O nome [Protestante] vem do protesto que os Luteranos formularam contra a decisão da 2ª Dieta de

Spira (1529).” Entre os Protestantes, “os grupos principais são os Luteranos, os Batistas, os Anglicanos, os Metodistas e os Congregacionalistas”.

“O fenômeno religioso minoritário anterior ao século XIX revela-nos a existência de pequenas franjas, num país marcado por um sólido monolitismo católico” (Peixoto, 1999). Acrescento que esta afirmação é externa ao pensamento do Adventismo sobre o Movimento Protestante.

As origens do Protestantismo em Portugal, no século XIX, foram sempre congeladas, suprimidas e esmagadas pelo poder eclesiástico, especialmente o Jesuitismo. Só as comunidades estrangeiras residentes por qualquer razão em Portugal, comunidades religiosas pouco viradas para o trabalho missionário, isto é, para o proselitismo, vieram a ter alguma expressão, ainda que muito condicionada. A propósito desta circunstância, o Pr. Charles Rentfro, primeiro missionário Adventista do Sétimo Dia a pisar a terra de Camões, escrevia na *Review and Herald*, de 6 de julho de 1905, p. 16, o seguinte: “Rentfro tem proteção por ser Americano, mas não se deve meter em política.”

Foi precisamente no último quartel do século XIX que surgiram algumas reações do ultramontanismo (doutrina dos que, em França, defendiam a concentração de todos os poderes e de todas as atribuições da Igreja Católica na pessoa do Papa e da Cúria Romana) desta altura e também as proclamações marianas da época. No entanto, existia o espírito livre de uma minoria cristã, de que homens da envergadura de Alexandre Herculano eram manifestamente defensores.

Em Amós 3:7, o profeta de Deus diz o seguinte: “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas.” Deus prepara as coisas, para que, quando chegar o momento, as pessoas estejam prontas para receber a verdade das Sagradas Escrituras. Deus nunca fez, faz ou fará as coisas ao acaso, mas orienta sempre as pessoas e os acontecimentos para o avanço da proclamação do Seu Evangelho Eterno e para alargar as tendas da Sua Igreja aqui nesta Terra. É assim que Deus trabalha; é o Seu maravilhoso método. É precisamente neste momento que Deus começa a preparar o caminho para o avanço da pregação do Evangelho eterno.

Agora é necessário fazer referência a certas circunstâncias do momento histórico da divulgação do Evangelho eterno em Portugal. Sabemos que o surgimento do Movimento Adventista em Portugal está inserido nos movimentos religiosos do século XIX, que puseram o acento e o fervor na pregação da Palavra de Deus, as Sagradas Escrituras. Carlos Puyol diz-nos que “o nosso Movimento surge numa época da história deste país (EUA) num setor caracterizado pelos

Deus prepara as coisas, para que, quando chegar o momento, as pessoas estejam prontas para receber a verdade das Sagradas Escrituras.

reavivamentos religiosos e pela aparição de muitos movimentos segregados das Igrejas que colonizaram, a partir da Europa, especialmente a importante colónia inglesa” (Puyol, sem data).

O que se passava em Portugal na última década do século XIX e na primeira metade do século XX?

Estas últimas décadas foram épocas de grandes alterações para o nosso Portugal de “brandos costumes”. O reinado de Dom Carlos, que teve início em 1889, vai decorrer num ambiente de grande eferescência e foi marcado por uma série de dramáticos acontecimentos, tais como o “fontismo”, que redundaram num adiamento das grandes dificuldades do país. Em 1890, as coisas estavam caóticas e o “*Ultimatum*” inglês dera um golpe profundo na Monarquia Constitucional, levando à revolta republicana no Porto, de 31 de janeiro de 1891, o que redundou numa crise económica e financeira, com as consequências naturais da falta de trabalho e da agitação do povo.

Álvaro Manuel Machado, no seu trabalho sobre *A Geração de 70 – Uma Revolução Cultural e Literária*, diz o seguinte: “Mas 1889 é uma data já adiantada no desencadeamento e desenvolvimento das ideias revolucionárias que formaram a Geração de 70. É uma data que marca já muita renúncia no plano da ação política, social e mesmo cultural [...]. Esse progresso, aliás provinciano, da época da Regeneração nada representou com o desenvolvimento cultural. E, com o rodar dos anos, até ao fim do século XIX, e a agonia da Monarquia, mais e mais o ambiente cultural se foi degradando. E com ele o ambiente político e so-

cial [...]. O tédio invadia a Capital e contaminava novos e velhos. O baixo nível cultural era mascarado por uma imitação grotesca da vida nos grandes centros mundanos europeus, imitações, antes de mais, de Paris, de que o Chiado é uma ridícula amostra.”

E o Portugal “profundo”, o Interior? Como se vivia aí? Oliveira Marques, na sua *História de Portugal*, escreve: “O vasto mundo dos camponeses, para além de certos pequenos proprietários, formava uma massa amorfa, quase totalmente analfabeta.” Confirmando esta situação, Rentfro escreveu para a *Review and Herald*, de 11 de maio de 1905, p. 18, o seguinte: “80% da população portuguesa é iletrada.” Oliveira Marques continua: “Vivendo frugalmente, quando não miseravelmente, de poucas ambições, reagindo às vezes e por vagas contra a exploração pelas cidades; massa reduzida à condição servil e praticamente colonizada, clerical e supersticiosa na sua maioria, presa fácil da influência do Padre, do Senhor da terra, do cacique político e do demagogo. Era este o grande mundo – a que juntaríamos os pescadores – em que se encontravam os mais infelizes, os mais miseráveis, os que forneceram à emigração quase total contingente.”

Era o nosso Portugal “profundo”!

Bibliografia

Machado, Álvaro Manuel, *A Geração de 70 – Uma Revolução Cultural e Literária*, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, pp. 21-26.

Oliveira Marques, A. H. - *História de Portugal*, Vol. II, Lisboa: Pala Editores, 5ª edição, 1978, pp. 210 e 211.

Peixoto, Fernando, “O que se sabe e o que se procura sobre o Protestantismo em Portugal”, *Lusotopie*, nº 6, 1999, pp. 257-269.

Puyol, Carlos, *El Contexto Histórico del Ministerio profético de Ellen G. White*, Tema 4, dactilografado, sem data, p. 1.



João Daniel Faustino
*Director do Departamento
de Educação da UPASD*

AREASD



**Apenas as escolas
Adventistas
ensinam as
crianças sobre
Jesus, sobre os
Seus valores e
sobre os Seus
princípios bíblicos!**

A **Associação Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia – AREASD** é a mais recente Associação fundada por iniciativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia portuguesa. Foi criada em 2020, como forma de agregar todos os estabelecimentos de ensino que até ali dependiam diretamente da UPASD.

Através da AREASD, a Igreja apresenta uma visão estratégica para os estabelecimentos de ensino da Edu-

cação Adventista em Portugal (que este ano celebra o seu 90º aniversário), orientando a sua ação por princípios éticos, sociais e religiosos. Uma Associação dedicada à Educação, que permite uma resposta aos desafios legais, dotada de robustez administrativa e financeira, que partilha as suas melhores práticas pedagógicas, assentes na Filosofia Adventista de Educação, que respeita a autonomia pedagógica de cada

estabelecimento de educação, tendo em conta o seu estatuto denominacional nacional, vertido nos seus estatutos, no seu regulamento interno e nos demais documentos orientadores.

Uma das metas desta reorganização era garantir que a AREASD obtinha o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social – IPSS, o que veio a acontecer no ano de 2024, permitindo que os seus estabelecimentos de ensino beneficiem de todas as possibilidades que este estatuto nos dá, nomeadamente, acordos de cooperação com organismos estatais, acesso a apoios comunitários, reconhecimento social, entre outros.

Porque acreditamos que a Educação é para toda a vida e porque sabemos que os nossos colaboradores e membros de Igreja necessitam de formação contínua, lançámos mãos à obra e criámos a Academia AREASD. Hoje é uma Entidade Formadora Certificada pela Direção-Geral do Emprego e das Relações do Trabalho – DGERT, e está ao serviço das nossas Instituições e da Igreja Nacional.

A AREASD conta hoje com uma capacidade instalada de 692 lugares e recebe crianças desde o Berçário até ao 3º Ciclo do Ensino básico, distribuídas por cinco escolas, situadas em quatro cidades do nosso território nacional.

O **Colégio Adventista de Oliveira do Douro – CAOD**, já com 50 anos de existência, está instalado em Oliveira do Douro, na região norte do país, tendo capacidade para 50 crianças em Pré-Escolar, 100 no 1º Ciclo, 50 no 2º Ciclo e 75 no 3º Ciclo. Goza de amplos espaços de recreio em contacto com

a Natureza. Possui Contrato de Desenvolvimento para o Pré-Escolar e Contrato Simples para os restantes Ciclos.

O **Externato Adventista do Funchal – EAF**, na Ilha da Madeira, partilha as instalações da igreja Adventista do Sétimo Dia, bem no centro da cidade do Funchal, e tem capacidade para 19 crianças em Pré-Escolar e 60 no 1º Ciclo. Possui Acordo de Cooperação com a Secretaria de Educação da Região Autónoma da Madeira para todos os alunos e tem uma longa experiência na educação de crianças com necessidades educativas específicas.

O **Colégio de Talentos em Lisboa – CTL** está situado no coração da cidade de Lisboa, num espaço totalmente renovado, tendo capacidade para seis crianças em Berçário, 23 em Creche, 25 em Pré-Escolar e 25 no 1º Ciclo.

O **Colégio Adventista de Setúbal – CAS** mudou de instalações em 2024, passando a sua capacidade para 10 crianças em Berçário, 33 em Creche, 50 em Pré-Escolar e 100 no 1º Ciclo. Tem amplos espaços de recreio, muitos deles espaços verdes. Possui Contrato Simples para o 1º Ciclo e Creche Feliz.

O **Arco Íris**, instalado em Setúbal, tem capacidade para oito crianças em Berçário, 16 em Creche e 50 em Pré-Escolar. Possui Acordo de Cooperação para o Pré-Escolar e Creche Feliz, o que lhe tem permitido estabilidade financeira ao longo da sua existência.

Lembre-se: Apenas as escolas Adventistas ensinam as crianças sobre Jesus, sobre os Seus valores e sobre os Seus princípios bíblicos!



As necessidades do outro



**“Não atente cada um para o que é
propriamente seu, mas cada qual também
para o que é dos outros” (Filipenses 2:4).**

Parece que a alegoria das colheres compridas é atribuída ao rabino Haim de Romshisok, mas também poderá ter tido outra origem. Segundo esta alegoria, o inferno e o Céu não eram assim tão diferentes, exceto por um importante detalhe e pela atitude e condição das pessoas. Em ambos os lugares havia uma grande panela com uma sopa de muito boa qualidade, só que no inferno ninguém conseguia prová-la, enquanto no Céu todos se fartavam e se deliciavam com ela. Enquanto, no inferno, as pessoas estavam desnutridas, magras e deprimidas, no segundo cenário todas estavam felizes e bem-nutridas. A razão para tão grande diferença estava no facto de que, em ambos os casos, as pessoas não conseguiam dobrar o cotovelo e as colheres eram demasiado longas, pelo que ninguém se conseguia alimentar. No Céu, contudo, este obstáculo não constituía um problema, porque cada pessoa alimentava a que estava à sua frente, de forma que todas, sem exceção, comiam da sopa. No inferno, a ideia de alimentar os outros parecia repulsiva.

Embora esta alegoria não corresponda à compreensão que nós, como Adventistas do Sétimo Dia, temos quer do Céu, quer do inferno, constitui-se numa ilustração muito precisa do que pode tornar o nosso lar num céu ou num inferno: A preocupação com as necessidades do outro, em vez de estarmos centrados nas nossas necessidades. Jesus também recorreu a uma alegoria do Seu tempo ao contar a parábola do rico e de Lázaro (Lucas 16:19-31) para ensinar uma outra importante verdade.

Vivemos num tempo de grande ativismo na defesa dos direitos do indivíduo, o que faz com que cada pessoa esteja cada vez mais ciosa dos seus direitos, do seu espaço e das suas necessidades. Certamente nem tudo está mal nesta linha de pensamento, sobretudo quando estamos a falar dos mais vulneráveis, mas, como “não há bela sem senão”, o lado negativo da questão é que nos tornamos demasiado focados em nós mesmos e como, já por natureza, somos egocêntricos, as necessidades do outro ficam ainda mais relegadas para um lugar secundário. Temos aqui a fórmula para relacionamentos insatisfatórios e conflituosos. Aqui também temos uma breve explicação sobre a razão de tantos lares se assemelharem mais a um inferno do que a um pedacinho do Céu na Terra.

Willard F. Harley, psicólogo clínico e conselheiro matrimonial, percebeu bem isso, depois de anos e anos

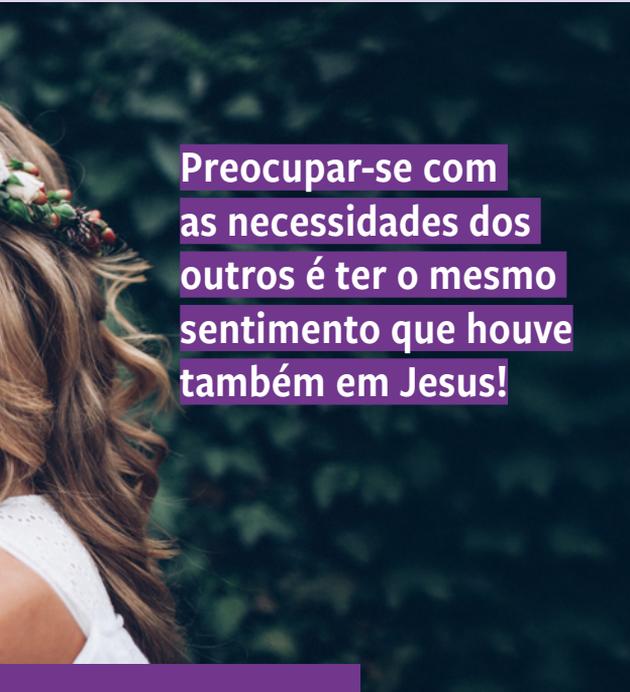


dedicados ao trabalho com as famílias, pelo que escreveu *His Needs, Her Needs*, livro que já vendeu mais de três milhões de cópias, ainda não traduzido para a nossa língua, mas disponível em várias livrarias do nosso país. Segundo ele, quando o marido compreende quais são as principais necessidades da sua esposa, esforçando-se para suprir essas necessidades, e quando a esposa se comporta da mesma forma em relação ao marido, juntos erguem uma proteção formidável contra uma eventual rutura por infidelidade conjugal. Segundo Willard, ela, acima de tudo, precisa de afeto, de sentir que está conectada com o seu cônjuge através do diálogo, de conversas profundas e íntimas; precisa também de estar segura de que há transparência e honestidade no seu relacionamento; precisa de segurança financeira e de sentir que não está sozinha na educação dos seus filhos. Ele, por sua vez, segundo o mesmo autor, deseja do seu casamen-

to realização sexual; companheirismo recreativo; apoio doméstico nas suas necessidades básicas; precisa de que o lar seja um lugar de paz, um lugar tranquilo. Ele necessita de que a sua esposa se preocupe em manter-se atraente e de que o admire, de que o aprecie. Muitos cônjuges não estão focados nas necessidades do outro, nem sequer estão conscientes das mesmas, até porque homens e mulheres são muito diferentes entre si. O resultado é uma desastrosa degradação de uma relação que no altar foi celebrada e votada para permanecer até ao fim da vida.

Agora imaginemos se marido e mulher se focassem nas necessidades um do outro. Se os filhos fossem testemunhas dessa forma abnegada e amorosa de viver e aprendessem, por preceito e exemplo, a preocuparem-se também com as necessidades dos irmãos, dos avós e dos pais... Se, em vez de pedir e exigir, cada membro da família fosse sempre o primeiro a voluntariar-se para aquela tarefa que ainda estava por fazer, seja de arrumação, de limpeza ou de outro tipo qualquer. A que se assemelharia esse lar? Quem estaria a ser imitado? De Jesus, no Seu lar de origem, está escrito: “Jesus revelava, como criança, disposição especialmente amável. As Suas mãos solícitas estavam sempre prontas para servir os outros.” – Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 49, 2017, ed. P. SerVir.

É por isso que Paulo estabelece este padrão em Filipenses 2: Preocupar-se com as necessidades dos outros é ter o mesmo sentimento que houve também em Jesus (Filipenses 2:4 e 5).



**Preocupar-se com
as necessidades dos
outros é ter o mesmo
sentimento que houve
também em Jesus!**



Conceição Lagoa
*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*



Jonas e o chamado impossível de evitar



Aponta o telemóvel
e descobre as surpresas!

Explora o QRCode e encontra:

- Uma mensagem especial de Jonas.
- Um desenho divertido para colorires.
- Uma música bonita para cantares.
- Uma bela história para ouvires.

[recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/
espaco-juvenil-herois-da-biblia-fevereiro-2025/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-fevereiro-2025/)

“Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua maldade subiu até mim” (Jonas 1:2).

História Bíblica

Jonas foi chamado diretamente por Deus: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua maldade subiu até mim” (Jonas 1:2). Nínive era conhecida pela sua violência e pelos seus pecados, mas Deus queria dar-lhe uma oportunidade de arrependimento.

No entanto, Jonas não quis obedecer. Ele não acreditava que os habitantes de Nínive merecessem a misericórdia de Deus. Em vez de ir, fugiu para o lado oposto, e embarcou num navio para Târsis.

Mas Deus não desistiu dele. Uma tempestade terrível ameaçou afundar o navio, e Jonas foi lançado ao mar para salvar os tripulantes. Ele foi engolido por um grande peixe e permaneceu no seu interior por três dias e três noites.

Dentro do peixe, Jonas orou a Deus e reconheceu o Seu poder e a Sua misericórdia. Quando foi libertado, decidiu obedecer. Pregou em Nínive, e a cidade inteira arrependeu-se, desde o rei até aos cidadãos mais simples.

Deus poupou Nínive e mostrou que a Sua misericórdia é para todos. Jonas aprendeu que o plano de Deus vai além do que entendemos e que Ele usa até os nossos momentos de dúvida para cumprir o Seu propósito.

Eu aprendi...

A história de Jonas ensina-nos que, mesmo quando hesitamos ou fugimos, Deus não desiste de nós. Muitas vezes, podemos sentir que as pessoas ou as situações à nossa volta não merecem a nossa atenção ou compaixão, mas Deus chama-nos para sermos mensageiros do Seu amor e do Seu perdão.

Jonas mostrou que, mesmo com falhas e dúvidas, a obediência a Deus pode ter um impacto enorme. Deus não espera perfeição, mas disponibilidade. Quando dizemos “*Eu vou*”, Ele usa-nos para transformar vidas e trazer esperança onde menos esperamos.

Além disso, a missão de Jonas destaca que a misericórdia de Deus é para todos, independentemente do passado ou dos erros cometidos. Quando confiamos no plano de Deus, descobrimos que Ele capacita e guia, mesmo nas tarefas mais difíceis.

“Eu Vou, Iremos Todos”

Hoje, o chamado de Deus pode parecer difícil, mas não estamos sozinhos. Quando dizemos “*Eu vou*”, abrimos espaço para que outros experimentem a graça de Deus. A obediência de Jonas levou uma comunidade inteira ao arrependimento. Da mesma forma, as nossas ações podem impactar positivamente a vida daqueles à nossa volta.

Diz “sim” ao plano de Deus e descobre como Ele pode usar-te para fazeres a diferença.

Desafio ou Atividade

Pensa em algo que tens evitado fazer por parecer desconfortável ou injusto. Pode ser ajudar alguém com quem consideras ser difícil de lidar, pedir perdão a quem magoaste ou partilhar a tua fé com um amigo ou um colega.

Tal como Jonas, fala com Deus sobre as tuas dúvidas e os teus medos. Pede coragem para seguires o Seu chamado e sabedoria para agires com graça e compaixão.

Dá o primeiro passo na direção que tens evitado. Confia que Deus estará contigo e usará a tua obediência para trazer transformação, tanto na tua vida, como na vida dos outros.

E não te esqueças de que dizer “sim” a Deus traz bênçãos eternas!



Festas de Natal na Rede LAPI

Bruno Silva | Diretor-Executivo da ASA
3 de janeiro de 2025

“E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1:21).

O Natal é uma época festiva carregada de afetos, lembranças e emoções.

Na Rede LAPI, esta época ganha um significado ainda mais especial, e fazemos questão de marcar esta data num esforço de providenciar o momento de encontro entre os nossos idosos e as suas respetivas famílias e, acima de tudo, de poder revelar o verdadeiro propósito para a comemoração desta quadra: A celebração de Jesus e da Sua obra redentora.

Vivemos momentos muito felizes nas festas natalícias que foram realizadas em cada um dos nossos estabelecimentos e cuja preparação envolveu um trabalho conjunto de colaboradores e utentes.

As festas são planeadas com a atenção e o cuidado dados a cada detalhe, desde a decoração,

às músicas e não faltando também a boa comida. São, sem dúvida, momentos marcantes para todos.

E assim, ano após ano, o Natal na Rede LAPI confirma o seu papel como um símbolo de esperança, de encontros e de alegria.

Agradecemos profundamente a todos os que de uma forma direta ou indireta estiveram envolvidos na preparação e na execução destes momentos memoráveis que tanta alegria trouxeram aos nossos idosos e aos seus familiares.

No LAPI oramos para que este seja o Natal em que escancaramos as portas à entrada de Jesus. Seja Ele o primeiro e o principal elemento das nossas festividades. E que seja Ele o farol do novo ano que está diante de nós!



Desbravadores do Porto celebram 50 anos com evento memorável

Daniel Silva | Coordenador JA da IASD do Porto
13 de janeiro de 2025

No passado dia 23 de novembro de 2024, o Núcleo de Desbravadores do Porto celebrou o seu 50º aniversário com um programa repleto de momentos significativos e inspiradores. O evento contou com a presença de líderes, de convidados especiais e com a participação ativa da comunidade Adventista local.

A manhã foi marcada pela pregação do líder Victor Alves, fundador do Clube de Desbravadores do Porto, que trouxe uma mensagem intitulada “Amplia o lugar da tua tenda”. Durante



o sermão, o irmão Victor Alves recordou os primórdios do Clube, destacando os desafios e as vitórias da sua história e reforçando a missão que sempre guiou os Desbravadores: O compromisso com Deus, com os jovens e com a Comunidade.

Na parte da tarde, o líder Victor Alves assumiu um papel simbólico como padrinho da cerimónia de investiduras, onde foram investidos Rebentos, Tições, Exploradores, Companheiros e Embaixadores. Este momento representou um marco especial, abrangendo todas as faixas etárias e celebrando o crescimento e a dedicação de crianças e de jovens ao longo do ano.

Fez-se uma retrospectiva do passado, onde foram partilhadas histórias e memórias de antigos líderes dos Clubes, destacando momentos marcantes ao longo das décadas.

O programa da tarde também contou com a participação especial do Núcleo de Desbravadores de Oliveira do Douro e do Núcleo de Desbravadores de Ermesinde. Cada um trouxe uma apresentação que emocionou os presentes e engrandeceu ainda mais as comemorações.

Para encerrar o dia, todos os participantes se reuniram para cantar os parabéns ao Núcleo, num momento de alegria e gratidão pelo meio século de impacto e de dedicação dos Desbravadores do Porto. Também expressámos o nosso agradecimento a Deus por estes 50 anos de História, compromisso com a missão e dedicação à juventude. Com os olhos postos no futuro, reconhecemos o desafio que é liderar crianças e jovens num mundo cada vez mais secular e tecnológico.

Este evento foi também uma oportunidade para enfatizar o sentido de missão que guia o trabalho do Núcleo e que continuará a ser o foco da Coordenação JA. A celebração não foi apenas um momento de olhar para o passado, mas também de renovar o compromisso com o futuro, inspirando novas gerações de Desbravadores a seguir o seu lema: “A mensagem do Advento a todo o mundo nesta geração.”

Inauguração do espaço para a ADRA em Fetais-Camarate

Maria Inês Silva da Cruz | ADRA Fetais-Camarate
13 de dezembro de 2024

Foi inaugurado, no Sábado 30 de novembro, pelas 18:00 horas, o novo espaço da ADRA Fetais-Camarate.

A cerimónia contou com a presença do Pr. António Rodrigues, Vice-Presidente da ADRA Portugal, bem como dos Pastores António Amorim e Rúben dos Santos. Estiveram também presentes a Direção da Igreja, alguns amigos e diversos voluntários, contabilizando aproximadamente 50 pessoas.

O novo espaço, dedicado exclusivamente ao armazenamento, está situado nas instalações da igreja, na Praceta dos Palmares, 1, r/c frente, Fetais-Camarate, com o objetivo de suprir as necessidades da Comunidade em redor.

O Pr. António Rodrigues, Vice-Presidente da ADRA Portugal, no momento da inauguração, proferiu palavras de incentivo, conforto, ânimo e apelo à dedicação, dirigindo-se a esta nova equipa e a todos os voluntários presentes. Tudo será possível com ajuda de todos, desde que haja a vontade de ajudar o próximo.

O Pr. António Amorim, Pastor local, lembrou que a atribuição desta sala à ADRA foi um objetivo desta comunidade desde o momento em que foi idealizada a distribuição dos espaços. Em tempo de crise e incerteza, quando assistimos a um grande afluxo de imigrantes, muitos em situação precária, a comunidade Adventista de Fetais-Camarate tem agora, na ação do polo local da ADRA, um instrumento de apoio e encorajamento para quem, na Comunidade e na sua área de influência, esteja carenciado de alimentos.

A ADRA Fetais-Camarate agradece a todos quantos estão envolvidos em ajudar o próximo, abraçando assim esta causa com muita dedicação!

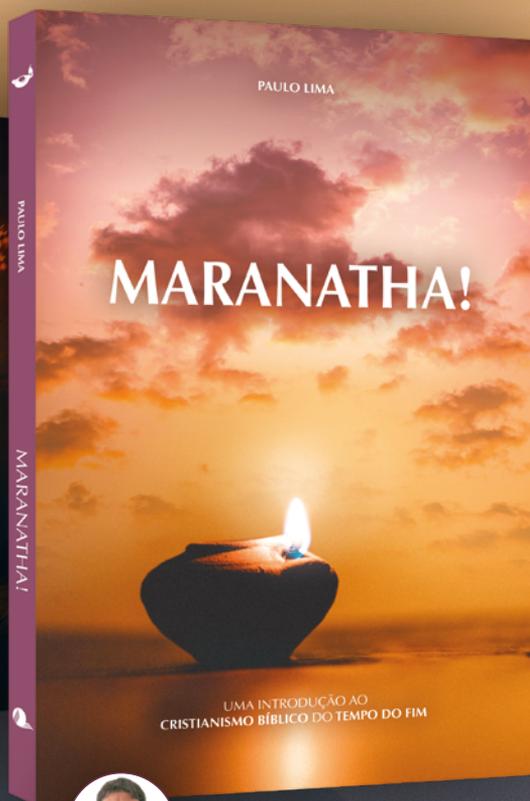


COLEÇÃO
Luminares de fé

Brevemente!



AUTOR:
Pavel Goia



AUTOR:
Paulo Lima

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870